1. INTRODUÇÃO

Este relatório textualiza os resultados das atividades referentes ao **Levantamento da Cadeia de Valor da Pesca**, nos municípios de Soure e Salvaterra, Marajó, Pará, em especial a etapa de levantamento de dados primários para construção da análise do cenário dessa cadeia de valor, com destaque para as *relações de poder, os conflitos e as estratégias agentes* em cada elo desta cadeia. Este levantamento envolveu a participação de onze Comunidades e/ou localidades dos municípios de Soure e Salvaterra, a saber: Pesqueiro, Céu, Caju Úna (Soure), Joanes, Cururus, Água Boa, Mangueiras, Deus Ajude, Monsarás, Condeixas e Jubim (Salvaterra)¹.

O estado do Pará, atualmente, é o maior produtor nacional de pescado. As estatísticas referentes ao ano de 2007 indicam que, isoladamente, é responsável por 54,53% da produção da Região Norte e 12,12% da produção nacional (IBAMA, 2007). No período 1998/2007, foi a Unidade da Federação que mais contribuiu para a ampliação da produção nacional, ao passar de 69,7 mil toneladas, em 1998, para 129,9 mil toneladas, em 2007, registrando uma taxa de crescimento de 7,16% ao ano, sobrepondo ao crescimento observado no país que foi de 4,68% ao ano e da maior parte das outras regiões do Brasil.

No estado do Pará, a produção de pescado é derivada de três segmentos de atividade: a pesca artesanal, a pesca industrial e a aquicultura. A pesca artesanal² é realizada em praticamente todos os municípios do estado e corresponde a 84,23% da produção (IBAMA, 2007). Em relação a esta última, tem-se a necessidade de uma compreensão integral e sistêmica das estruturas de produção e comercialização e da multiplicidade das relações entre os agentes econômicos que participam da cadeia de valor. Para isso, faz-se necessário identificar os principais atores envolvidos na produção, o escoamento e a comercialização dos produtos; bem como, os conflitos, relações de poder e as potencialidades para melhorar seu posicionamento econômico e a qualidade de vida local, por meio dessas atividades.

Ressalta-se assim, a pesca artesanal como uma das atividades econômicas mais tradicionais da Amazônia e que desempenha um importante papel socioeconômico na oferta de alimentos,

¹ As comunidades/localidades do município de Soure estão inseridas na Reserva Extrativista (RESEX) Marinha de Soure e Mangueiras e Deus Ajude são comunidades quilombolas.

² Entende-se por "pesca artesanal, ou de pequena escala, aquela que engloba os pescadores que trabalham efetivamente na pesca durante o ano inteiro, portanto dependem dela para a sua sobrevivência, e também aqueles indivíduos que exercem a pesca somente nos períodos rentáveis economicamente. No restante do ano estes pescadores eventuais trabalham em outras atividades, geralmente na agricultura (pescador-agricultor), na indústria ou na construção civil". (MONTEIRO & CALDASSO, 2004, p.3).

ocupação de mão-de-obra e geração de renda, além de ser dotado também de significado simbólico que alicerça a vida material e imaterial das populações envolvidas.

Neste sentido, o objetivo deste trabalho é analisar a cadeia de valor da pesca artesanal no Marajó, especificamente nos municípios de Soure e Salvaterra, coadunando com os objetivos do **Programa Viva Marajó** onde um de seus eixos de ação é "inserir o Marajó no mercado da sustentabilidade", que visa identificar produtos e serviços representativos do território marajoara, neste caso a pesca artesanal.

Esses dois municípios foram escolhidos porque além destes, a região do Salgado e a capital paraense englobam cerca de 100 comunidades pesqueiras que exploram a pesca extrativa marinha e estuarina. Assim, com base neste cenário é que, propõe-se uma análise descritiva do processo de produção e relações de poder existentes na cadeia de valor da pesca.

Este documento se divide em três momentos, relativos ao andamento das pesquisas, a saber: a) Pesquisa de campo, por meio de observação direta, entrevistas e aplicação de formulário; b) Levantamento de dados secundários - Bibliográfico e Documental e; c) Registros audiovisuais.

2. OBJETIVOS

2.1. GERAL

• Realizar mapeamento da cadeia de valor da Pesca artesanal nos municípios de Soure e Salvaterra, Marajó/Pa, destacando as relações de poder, os conflitos e as estratégias dos agentes em cada elo desta cadeia.

2.2 ESPECÍFICOS

- Avaliar a situação atual da cadeia de valor da pesca artesanal no município de Soure e Salvaterra, envolvendo uma análise do processo de produção (incluindo insumos), serviços de assistência técnica e financeira, processos de transformação e inovação, transporte e acesso a mercados;
- Caracterizar a estrutura da cadeia de valor e identificar os atores relevantes para o seu funcionamento (pescadores artesanais, intermediários, comerciantes, colônias de pesca e outras instituições);

- Identificar a divisão do trabalho, especificando os trabalhos feitos por mulheres, jovens e homens, a distribuição do trabalho no processo produtivo e o processo de transformação para agregar valor;
- Verificar os beneficiados com a cadeia de valor, destacando quem realiza a venda do produto (homem, mulher), para que mercado os produtos são vendidos e quem toma as decisões relacionadas com o uso do dinheiro recebido;
- Destacar as instituições da esfera privada e pública com influência no funcionamento da cadeia de valor e que afetam sua efetividade e potencial de participação em mercados de maneira inclusiva;
- Apontar as barreiras à comercialização dos produtos nos mercados mais lucrativos;
- Identificar boas práticas de implementação que permitem processos de aprendizagem e reflexão;
- Formular estratégias de ação que orientem o desenvolvimento do Programa Viva Marajó no campo do fortalecimento da cadeia de valor da pesca artesanal nos municípios de Soure e Salvaterra, através da identificação de oportunidades e potencialidades econômicas.

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1. UMA BREVE INTRODUÇÃO - A PESCA NA AMAZÔNIA

A pesca é uma das atividades extrativas mais importantes da região amazônica. O peixe representa a principal fonte de proteína na alimentação das populações ribeirinhas locais (CERDEIRA, 1977), sendo também importante para a população urbana da Amazônia (SHRIMPTON; GIUGLIANO, 1979). A atividade pesqueira contribui como parte da renda familiar ou ainda, como única fonte de renda através da comercialização do pescado nos mercados locais, ou da exportação para outras regiões do Brasil ou mesmo para o exterior.

A pesca na região amazônica se destaca em relação às demais regiões brasileiras, tanto costeiras quanto de águas interiores, pela riqueza de espécies exploradas, pela quantidade de pescado capturado e pela dependência da população tradicional a esta atividade (BARTHEM, 2004). Uma estimativa conservadora do total desembarcado nos núcleos urbanos e do que é consumido pela população ribeirinha, tem-se aproximado de valores em torno de 400.000 toneladas anuais (BAYLEY; PETRERE, 1989).

Existem cerca de 1300 espécies de peixes já descritas na bacia Amazônica (ROBERTS, 1972). Porém, como afirma Barthem (2004), este número ainda é incerto, sendo comum a descrição de novas espécies (BARTHEM, 2004). A fauna de peixes conhecida é formada praticamente por um único grupo taxonômico: cerca de 85% das espécies pertencem a superordem Ostariophysi, sendo que 43% são Characiformes, 39% as Siluriformes (peixes lisos) e 3% Gymnotiformes (peixes elétricos). As demais espécies pertencem a outras 14 famílias de diferentes ordens (ISAAC; BARTHEM, 1995).

As espécies exploradas pela pesca comercial e de subsistência foram contabilizadas em 200 (BARTHEM, 1995). Este é um número ainda bastante preliminar, tendo em vista que novas espécies de peixes de grande porte estão sendo descritas e várias outras, que regularmente fazem parte do desembarque da maioria dos mercados amazônicos, apresentam dúvidas quanto à sua identificação. Considerando as estimativas de riqueza de espécies, pode-se prever que a pesca comercial explore entre 2 e 10% de todas as espécies presentes (BARTHEM, 2004).

As várzeas inundáveis dos rios de água branca constituem as mais importantes áreas para a pesca e outras atividades produtivas da região. Os rios de água clara ou preta não são tão importantes para a pesca, exceto nos trechos próximos aos rios de água branca. A foz amazônica também é uma região de elevada produção biológica e de importância para a pesca local, porque explora simultaneamente espécies de peixe de águas continentais, estuarinas e marinhas (ISAAC; BARTHEM, 1995).

A pesca na Amazônia é uma atividade complexa, ligada culturalmente a tradições pesqueiras e, devido a isso, as técnicas tradicionais são dominantes na grande maioria das diferentes artes de pesca praticadas. Os grupos de pescadores exploram com diferentes aparelhos de pesca, visando um grande número de espécies (por isso a pesca é dita multi específica) e um número ainda desconhecido de estoques (BRAGA, 2001). A pesca na Amazônia deixou de ser, para muitos, uma atividade complementar e tornou-se uma atividade profissional permanente. A introdução da fibra de nylon, dos motores a diesel e a instalação de frigoríficos deram o suporte técnico para esta mudança (FURTADO, 1993).

De acordo com suas características socioeconômicas, a pesca pode ser hoje em dia dividida em três modalidades: **pesca de subsistência, pesca comercial de caráter artesanal e pesca industrial** (BARTHEM, 1995).

A pesca no estuário amazônico se distingue da que ocorre em águas interiores da Amazônia por não ser somente de caráter artesanal, pois nele atuam duas frotas pesqueiras: a artesanal e a industrial. Estas duas frotas são distintas, tanto quanto ao volume capturado e comercializado, quanto pela tecnologia empregada nas capturas (ISAAC; BARTHEM, 1995).

O manejo dos recursos pesqueiros faz-se necessário tanto pela conservação dos sistemas aquáticos amazônicos como também para a manutenção de uma atividade de destaque no ponto de vista socioeconômico, principalmente para a população tradicional amazônica.

Há uma grande diversidade de aparelhos ou utensílios de pesca utilizados pelos pescadores da Amazônia, desenvolvidos com características específicas para explorar da forma mais eficiente possível, um determinado recurso ou um conjunto de espécies alvo, sob uma determinada condição ambiental. São conhecidos pelo menos 19 tipos diferentes de utensílios de pesca para a Amazônia (PETRERE, 1978).

Artes e aparelhos de pesca utlizados na pesca artesanal (SUDAM/UFMA, 1983):

- 1) Arpão: particularmente utilizado na pesca do pirarucu (*Arapaima gigas*) também pode ser utilizado para capturar outras espécies de grande porte;
- 2) Caniço: Utilizado para capturar espécies de pequeno porte como a sardinha (*Triportheus* spp.) e o matrinchã (*Brycon* spp.);
- 3) Curral: armadilha fixa tradicional, tipo paliçada, na qual espias ou asas encaminham o peixe para dentro de uma série de cercados;
- 4) Currico: linha de mão com uma ponta metálica no anzol. Muito utilizado na pesca do tucanaré (*Cichla* spp.);
- 5) Cumurim: linha comprida com um anzol amarrada na margem. Muito utilizado na pesca de bagres;
- 6) Espinhel: linha comprida com vários anzóis, em que as duas pontas estão amarradas nas margens;
- 7) Flecha: apresenta uma ponta simples e é utilizada juntamente com um arco;
- 8) Flechão: constituído por uma vara oca com um arpão ou um tridente na ponta, sendo lançado por um arco ou à mão. Utilizado para capturar diversas espécies;
- 9) Linha de mão: linha comprida com um anzol, também utilizada na pesca de bagres;
- 10) Matapi: armadinha para a captura de camarões;
- 11) Pargueira: Linha e anzol utilizada na pesca de pargos (*Lutjanus* spp.);
- 12) Pinauaca: caniço com um pano vermelho utilizado para atrair peixes da familia Cichlidae como o tucunaré (*Cichla* spp.) ou o acará-açu (*Astronotus ocellatus*);

- 13) Poita: linha comprida com diversos anzóis grandes que é lançada no canal do rio e amarrada à margem. Utilizada para a pesca de bagres;
- 14) Puçá: rede de formato cônico, com boca retangular mantida verticalmente aberta calões de madeira e estendida horizontalmente entre dois pescadores. Utilizada em locais de pouca profundidade;
- 15) Rede de Emalhar: também conhecida como malhadeira, é utilizada em ambientes sem correnteza principalmente em áreas alagadas;
- 16) Rede Malhadeira: mistura de rede de emalhar (malhadeira) e rede de arrasto. Utilizada na captura de bagres;
- 17) Redinha: rede de emalhar utilizada no arrasto ao longo das margens rasas e arenosas dos estuários, praias e bancos de areia na maré baixa. Muito utilizada na captura do camarão branco:
- 18) Tarrafa: rede de cerco lançada à mão por cima da água, utilizada em áreas rasas com pouca ou sem vegetação;
- 19) Zagaia: vara com um tridente na ponta, utilizada em pescarias noturnas e com lanterna. Utilizada para capturar peixes da familia Cichlidae como o aruanã (*Osteoglossum bicirhosum*).

4. METODOLOGIA

4.1. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

A ilha de Marajó é a maior ilha fluvial do mundo (BRASIL, 1999). Ocupa uma área de 49.606 km² e está situada no norte do Brasil, nordeste do Estado do Pará, foz do rio Amazonas (CRUZ, 1987). Encontra-se entre as latitudes 0"10' 1"48'S e as longitudes 48"22' e 50"49' W (NASCIMENTO, 1991). A baía de Marajó faz parte do grande estuário formado pela descarga dos rios Tocantins e Pará e em parte pela descarga do rio Amazonas (Figura 1). A ilha de Marajó é dividida em duas regiões: a porção leste que é denominada de região dos campos e a porção oeste, conhecida como região dos furos. A região conhecida como campos do Marajó se estende por uma área de 23.046 km² e está a uma altitude em torno de quatro a vinte metros acima do nível do mar. Esta área corresponde aos municípios de Cachoeira do Arari, Chaves, **Soure, Salvaterra,** Ponta de Pedras e Santa Cruz do Arari. A região dos furos se estende por uma área florestada de 26.560km² pertencente aos municípios de Afuá,

Curralinho, São Sebastião da Boa Vista, Breves, Muaná e Anajás (CRUZ, 1987; BRASIL, 1999).

O arquipélago do Marajó foi decretado como uma Área de Proteção Ambiental (APA) em 05 de outubro de 1989 (Art. 12 § 2º da Constituição Estadual). Entende-se por Área de Proteção Ambiental uma "área em geral extensa, com um certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas, e que tem como objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais" (Sistema Nacional de Unidades de Conservação, Art. 15, 21/06/2000).

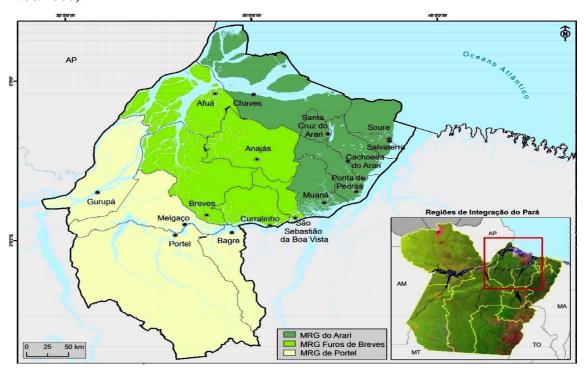


Figura 1. Localização geográfica da ilha do Marajó - PA.

O Município de Soure: Localizado na microrregião denominada de Campos do Marajó (Soure e Salvaterra) tendo como limites ao norte o Oceano Atlântico, ao sul Salvaterra, a Oeste Cachoeira do Arari e Chaves e leste a Baia do Marajó.. Possui uma área de 3517 km², com uma população de cerca de 22.995 habitantes e IDH é de 0,72. A distância de Belém é cerca de 87 km em linha reta. Sua colônia de Pescadores, a Z-01, na mesorregião do Marajó, foi fundada em 1918, é a mais antiga do Pará e a primeira Colônia de Pescadores do Brasil.

Reserva Extrativista Marinha de Soure - RESEX de Soure: As comunidades de Caju Úna, Céu e Pesqueiro estão inserias na RESEX de Soure. A RESEX marinha é uma Unidade de Conservação de Uso Sustentável³ e foi criada por decreto federal s/nº de 22 de novembro de 2001. Sua área total é de aproximadamente 27.463,58 ha abrangendo uma área menor ribeirinha e outra maior, costeira. É integralmente constituída por ecossistemas de manguezais e localiza-se integralmente no município do Soure, na ilha do Marajó (microregião do Arari) (Figura 2).

O recurso natural de mais intenso uso são os caranguejos (*Ucides cordatus* L.). O seu processo de criação deu-se pela necessidade da preservação dos mangues locais, com ênfase no extrativismo do caranguejo, sendo este um dos principais motivos que levaram a comunidade local de Soure, no Arquipélago do Marajó, a se mobilizar para a criação da reserva.

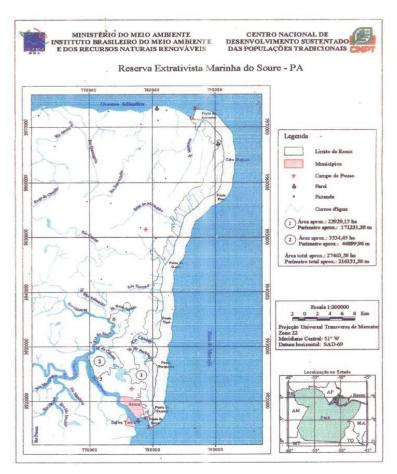


Figura 2. Mapa da Reserva Extrativista Marinha do Soure Fonte: Brasil. Instituto, 2000.

_

As Unidades de Uso Sustentável visam compatibilizar a conservação da natureza com o uso sustentável de parcela de seus recursos naturais. Nesse grupo estão as categorias de área de proteção ambiental, área de relevante interesse ecológico, floresta nacional, reserva extrativista, reserva de fauna, reserva de desenvolvimento sustentável e reserva particular do patrimônio natural.

O Município de Salvaterra: Localizada a margem da Baia do Marajó, com rio Paracauarí. Salvaterra limita-se ao norte com o município de Soure, separando os dois municípios, o rio Parauarí. Ao nordeste a leste pela Baia do Marajó. Ao sul, sudeste e oeste, pelo município de Cachoeira do Arari, separando os dois municípios, o Rio Camará e Rio São Miguel. Desde 1901 era distrito de Soure. Foi apenas em 1961 que foi elevada à categoria de município, conhecida desde então como a Princesa do Marajó, apresentando hoje 20.184 habitantes Possui uma área de 1039 km² e IDH é de 0,71.

4.2. DADOS UTILIZADOS E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Para a caracterização e análise da Cadeia de Valor da Pesca nos municípios de Soure e Salvaterra foram utilizados métodos de coleta que proporcionaram a obtenção de dados tanto secundários quanto primários pertinentes a cadeia de valor. Em relação aos **dados primários** foram utilizados: a) formulário, contendo 120 questões, dividido em sete blocos⁴ e b) um roteiro de entrevista.

foram direcionadas diferentes localizados As mesmas a agentes sociais nas comunidades/localidades dos municípios de Soure e Salvaterra, instituições como a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), o Banco da Amazônia (BASA), o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), as Associações de Pescadores, de Camaroeiros, de Caranguejeiros e as Colônias de Pesca. Os instrumentos foram direcionados a atores sociais considerados chave: presidente das comunidades, dirigentes ou integrantes de associações, coordenadores de instituições e presidentes da colônia de pescadores (as).

Os mesmos foram estimulados a refletir sobre as relações sociais ligadas a pesca, destacando aspectos da comercialização dos produtos, relação com o mercado local e regional, percepção em relação aos recursos pesqueiros (escassez ou abundância), possíveis conflitos, relação de dependência, meios de transporte, assistência técnica, entre outros.

Os aspectos pesquisados foram de ordem socioeconômica, tecnológica, produtiva, de comercialização, de organização social, assistência técnica e crédito, permitindo avaliar os diferentes elementos que compõem a cadeia de valor da pesca artesanal nos municípios supracitados. Os levantamentos de campo foram efetuados no mês de janeiro de 2011. O

_

Bloco I – Identificação do pescador artesanal e sua família; Bloco II – Questão fundiária; Bloco III – Infraestrutura, habitação e saúde; Bloco IV – Cultura; Bloco V – Atividade de Pesca Artesanal; Bloco VI – Comércio; Bloco VII – Associativismo, Assistência Técnica e Crédito.

processamento estatístico foi efetuado por meio do SPSS versão 17.0. As informações foram armazenadas em um banco de dados. As atividades de campo complementaram as informações secundárias para a construção da cadeia de valor da pesca artesanal.

Para o levantamento de **dados secundários** foram realizados: (i) Levantamento e análise bibliográfica; (ii) análise documental. Em uma última etapa se propõe após a organização e tabulação dos dados obtidos com as entrevistas, tendo como referência os objetivos centrais do estudo considerados compilados em um relatório, que estes sejam avaliados em uma Oficina de Avaliação e Recomendações aos atores entrevistados. Na ocasião, espera-se identificar e descrever os principais gargalos e proposições para a sustentabilidade da pesca artesanal.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS PESCADORES ARTESANAIS

5.1.1 Características Gerais

Com o objetivo de obter um perfil do pescador artesanal dos municípios de Soure e Salvaterra, Marajó/PA, o questionário de pesquisa de campo englobou aspectos como origem dos pescadores, idade, grau de escolaridade, saúde, infraestrutura entre outros que são analisados.

Todos os pescadores em atividade entrevistados nasceram no Marajó, nos próprios municípios de Soure e Salvaterra. A idade dos pescadores entrevistados variou entre 30 e 60 anos onde a maioria ficou na faixa de 30 a 35 anos (42%), seguido de 42 a 47 anos (17%), 48 a 53 anos (17%). Um aspecto importante a ser destacado é de que os pescadores artesanais ativos estão ficando mais velhos e não há, de forma mais intensa ou imediata, a entrada de jovens na atividade (Figura 3).

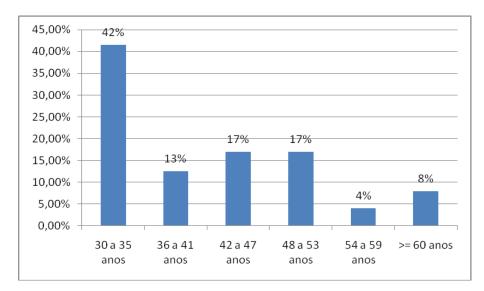


Figura 3. Faixa etária e média de idade dos pescadores entrevistados nos municípios de Soure e Salvaterra, 2011

Fonte: dados da pesquisa

Em média esses produtores residem na mesma comunidade há mais de 30 anos e na mesma casa em média 20 anos. As motivações justificadas para a escolha da área que moram estão ligadas, principalmente, aos laços familiares, pois cerca de 80% dos entrevistados residem no mesmo local por conta de que os pais já moravam na área ou então após terem casado.

Quando questionados sobre a situação do domicílio, 90% disseram ser própria e 10% dos entrevistados do município de Soure afirmaram que suas áreas pertencem à União em função do reconhecimento da área como Reserva Extrativista Marinha. Além disso, declararam não existir conflitos relacionados à questão fundiária.

Com relação ao estado civil, 71% dos pescadores artesanais são casados, 13% divorciados, 8% solteiros e 8% vivem em concubinato (Figura 4).

.

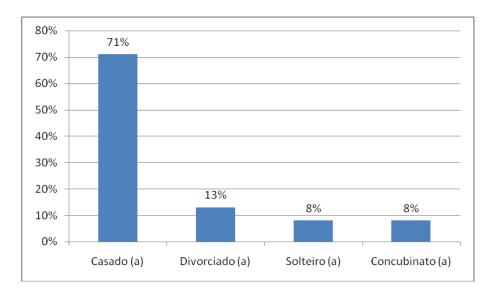


Figura 4. Estado civil dos pescadores entrevistados nos municípios de Soure e Salvaterra, 2011 Fonte: dados da pesquisa.

Quanto à religião 96% são católicos e apenas 4% dos entrevistados se declararam protestantes. As chamadas festividades de Santo⁵ estão presentes em 100% das comunidades, com devoção a São Francisco de Assis, São Pedro, Nossa Senhora da Conceição, São Sebastião, Nosso Senhor do Bom Parto, Santíssima Trindade entre outros. Nestas festividades os peixes e mariscos fazem parte do cardápio e nas festividades de São Pedro, por exemplo, a pesca é a temática central já que o mesmo é padroeiro dos pescadores.

As famílias entrevistadas dos pescadores artesanais envolveram um total de 139 pessoas, correspondendo a uma média de seis pessoas por família, e desse total 60% são do sexo masculino e 40% feminino. A distribuição por faixa etária demonstrou que a base da pirâmide é grande, onde cerca de 44% são compostas por crianças e adolescentes entre as faixas etárias 0 a 17 anos. Outros 12% estão na faixa de 18 a 23 anos, 6% de 24 a 29 anos, 11% de 30 a 35 anos, 10% de 36 a 41 anos, 8% de 42 a 47 anos, 6% de 48 a 53 anos, 2% de 54 a 59 anos e 1% com mais de 60 anos (Figura 5).

⁵ Celebrações em homenagem a determinado Santo, em geral padroeiro, e que não ocorre necessariamente no dia de homenagem datada pela igreja católica. Podem durar semanas e envolvem um conjunto de outras celebrações de cunho religioso ou profano como ladainhas, leilões, folias, novenas, festas dançantes e arraiais.

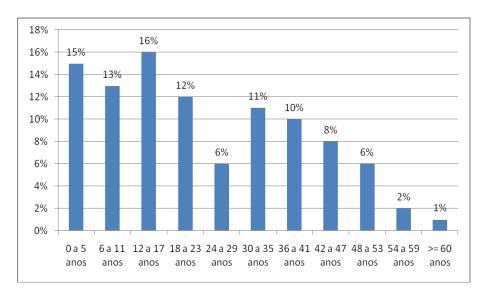


Figura 5. Faixa etária das famílias dos pescadores nos municípios de Soure e Salvaterra, 2011 Fonte: dados da pesquisa.

O nível educacional dos pescadores pode ser considerado baixo, pois 50% apenas assinam o nome, 42% cursaram o ensino fundamental incompleto, 4% sem alfabetização e 4% com ensino superior incompleto (Figura 6).

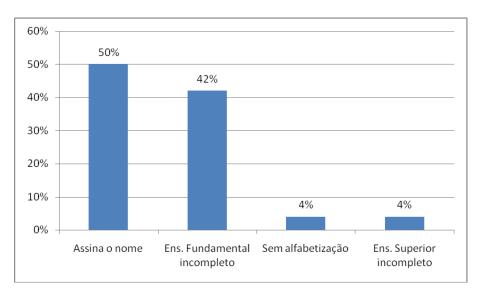


Figura 6. Escolaridade dos pescadores entrevistados nos municípios de Soure e Salvaterra, 2011 Fonte: dados da pesquisa.

5.1.2 Características das residências

As características das residências são importantes para aferir o nível de qualidade de vida dessas famílias. As fotos 3 e 4 são uma visualização das casas nas comunidades de Caju Úna e Joanes, municípios de Soure e Salvaterra, respectivamente. Neste aspecto, deve-se destacar as diferenças existentes entre estes municípios já que em Soure, as comunidades entrevistadas, estão inseridas na RESEX. Entre um das políticas de implementação desta unidade de conservação destacamos o papel do INCRA no processo de regularização fundiária e fomento à construção de casas para moradores cadastrados como integrantes desde a sua criação. Neste sentido, 45% das casas da comunidade do Caju Úna foram construídas com recurso proveniente desta política. As mesmas possuem um mesmo padrão e são identificadas pela pintura de portas, janelas ou a fachada inteira pela cor verde (Figura 7).



Figura 7: Comunidade de Caju Úna em Soure

Fonte: Ruth Almeida

No município de Salvaterra onde foram entrevistados famílias das comunidades de Joanes, Deus Ajude, Monsarás, Condeixas, Mangueiras, Jubim e Cururus as casa já são, na sua maioria, de alvenaria e tanto em Soure como em Salvaterra todas as casas possuem energia elétrica (Figura 8).



Figura 8: Comunidade de Joanes em Salvaterra

Fonte: Adna Albuquerque

Assim, entre os entrevistados 83% possuem casas de alvenaria, 13% de madeira (as casas de madeira encontram-se principalmente nas comunidades de Soure que alagam no inverno) e apenas 4% de barro. Com relação ao tipo de cobertura predominam a telha de barro (96%) e palha (4%). O tipo de piso, 62% é de cimento, 21% de chão batido, 13% de madeira e 4% de barro (Tabela 1).

Tabela 1. Características das residências dos pescadores entrevistados nos municípios de Soure e Salvaterra, 2011.

Tipo de parede	
	Percentual (%)
Alvenaria	83,00
Madeira	13,00
Barro	4,00
Total	100,00
Tipo de cobertura	
	Percentual (%)
Telha de barro	96,00
Palha	4,00
Total	100,00
Tipo de piso	I
	Percentual (%)

Cimento	62,00
Chão batido	21,00
Madeira	13,00
Barro	4,00
Total	100,00

Fonte: dados da pesquisa.

5.1.3 Saneamento e serviços de saúde

A maior parcela dos entrevistados (67%) obtém a água para consumo da rede pública e poços ao mesmo tempo, 21% utiliza água exclusivamente da rede pública, 8% utilizam água de poço e do carro pipa que é enviado para as comunidades como a de Caju Úna e 4% utilizam apenas a água de poço (Tabela 2).

Em 84% das residências a água não é submetida a nenhum tipo de tratamento antes do consumo, 8% informaram que coam a água, 4% filtram e fervem e 4% fervem e coam.

Em 55% dos entrevistados o banheiro fica dentro de casa e possuem fossa e 45% ficam fora da casa e a destinação do esgoto é poço negro que, refere-se aos banheiros localizados fora de casa e que são construídos sobre um buraco. (Tabela 2).

Tabela 2. Origem e formas de consumo de água nas residências dos pescadores entrevistados nos municípios de Soure e Salvaterra, 2011

Origem da água				
	Percentual (%)			
Rede pública e poço	67,00			
Rede pública	21,00			
Poço e carro pipa	8,00			
Poço	4,00			
Total	100,00			
Formas de con	sumo da água			
Percentual (%)				
Não faz nada	84,00			
Coa	8,00			
Filtra e ferve	4,00			
Ferve e côa	4,00			
Total	100,00			

Fonte: dados da pesquisa

Outros aspectos importantes ligados a saúde dizem respeito à destinação do lixo e os serviços de saúde. Cerca de 90% dos entrevistados queimam seus resíduos e nestas comunidades não há serviço de coleta pública. Nas demais comunidades/localidades (10%) há um revezamento entre a coleta pública e a queima.

As principais doenças citadas foram gripe e tosse (95%). Nestes casos, 90% dos entrevistados procuram o posto de saúde da comunidade ou o mais próximo e conjuntamente (10%) recorrem a bezendeira/ curandeiro.

Em à disponibilidade de serviços de saúde, 92% dos entrevistados informaram que existe posto de saúde nas comunidades onde residem e na mesma proporção recebem a visita de agentes de saúde e em apenas 8% este serviço não está disponível. Entre os que informaram a existência de posto de saúde em sua comunidade destacaram que estes funcionam de forma precária e não atendem as necessidades das famílias.

Tabela 3. Disponibilidade de postos de saúde e de atendimento de agentes de saúde nas comunidades dos pescadores artesanais entrevistados nos municípios de Soure e Salvaterra, 2011

Existe posto de saúde na comunidade?		
	Percentual (%)	
Sim	92,00	
Não	8,00	
Total	100,00	

Fonte: dados da pesquisa.

5.1.4 Fontes de renda, disponibilidade de bens duráveis e transporte

As principais fontes de renda das famílias cobertas pesquisa estão listadas na Figura 9. A maioria dos entrevistados depende da pesca como renda, mesmo que em alguns casos não seja a principal fonte. Dos entrevistados, 34% dependem exclusivamente do peixe, outros 21% revezam-se entre pesca e produtos agrícolas, 17% dependem dos mariscos, 8% do peixe e do salário. Somando 20% são os que dependem da pesca conjugado com bolsa escola, aposentadoria, pecuária entre outros.

Destaca-se ainda, que não há substantiva diferença entre a renda no verão e no inverno. O que muda são os tipos de instrumento de pesca e os tipos de peixe e camarão. O que deve ser

levado em consideração e que não foi citado pelos entrevistados é o impacto do seguro defeso na renda dos pescadores artesanais e que serão detalhadas mais adiante.

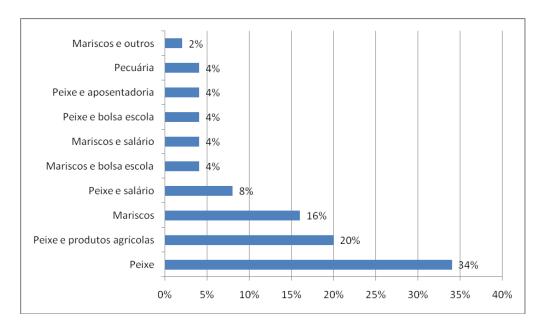


Figura 9. Principais fontes de renda dos pescadores entrevistados nos municípios de Soure e Salvaterra, 2011

Fonte: dados da pesquisa.

Outro indicativo acerca do padrão de renda destas famílias é a disponibilidade de bens duráveis, cujos percentuais são apresentados na Tabela 4. Os resultados mostram 92% dos entrevistados possuem rádio, 92% possuem geladeira, 87% possuem televisão, 83% telefones celulares, 50% bicicletas e 42% possuem motor de barco.

Tabela 4. Disponibilidade de bens duráveis nas residências dos pescadores artesanais entrevistados nos municípios de Soure e Salvaterra, 2011.

Especificação	Sim (%)	Não (%)
Aparelho de som	21,00	79,00
Rádio	92,00	8,00
Televisão	87,00	13,00
Geladeira	92,00	8,00
Freezer	25,00	75,00
Fogão a gás	96,00	4,00
Fogão a lenha	79,00	21,00
Bicicleta	50,00	50,00

Motocicleta	25,00	75,00
Carro	4,00	96,00
Telefone celular	83,00	17,00
Motor de barco	42,00	58,00
Outros	62,00	38,00

Fonte: dados da pesquisa.

Os principais meios de transporte utilizados pelos entrevistados foram: 50% andam a pé, 25% combinam bicicleta e andam a pé, 17% utilizam a motocicleta como transporte, 4% utilizam o barco e 4% rabeta (Figura 10).

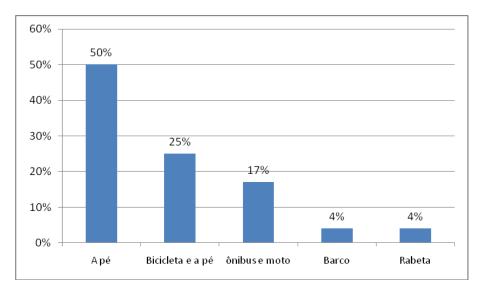


Figura 10. Principais meios de transporte utilizados pelos pescadores entrevistados nos municípios de Soure e Salvaterra, 2011.

Fonte: dados da pesquisa.

Destarte, ressalta-se a importância das características socioeconômicas dos pescadores artesanais, pois nos possibilita entender suas realidades locais e também nos elucida do porquê e como ocorrem as relações de poder entre os agentes produtores envolvidos nos processos relativos à pesca artesanal, à comercialização, aos provedores de assistência técnica, às instituições financeiras que, nas suas interações, agregam valor ao produto, especializam o trabalho e também podem gerar conflitos e que serão detalhados na caracterização da cadeia de valor da Pesca.

5.2 ESTRUTURA DA CADEIA DE VALOR DA PESCA ARTESANAL EM SOURE E SALVATERA



Figura 9. Estrutura da cadeia de valor da pesca artesanal nos municípios de Salvaterra e Soure, Arquipélago do Marajó, estado do Pará.

Segundo Santos (2005), atualmente, as análises das atividades produtivas vinculadas ao setor primário da economia, como é o caso da pesca artesanal, requerem um novo enfoque, o qual deve estar fundamentado nas concepções de cadeia de valor. A abordagem de cadeias de valor insere-se nesse contexto ao permitir uma visualização das atividades produtivas de forma integral e sistêmica.

Uma cadeia de valor deve ser compreendida como uma rede estratégica de empresas que se articula para levar um produto desde a produção primária até o consumidor final (SANTANA, 2005; GTZ, 2007; JUNKIN; ANGULO, 2009). Esta rede se baseia na complementaridade e especialização do trabalho e das funções entre seus integrantes, visando criar vantagens competitivas e benefícios mútuos para toda a cadeia, gerar maior valor agregado e obter uma distribuição mais equitativa dos custos, benefícios e riscos. Para as organizações empresariais rurais, o desenvolvimento de cadeias de valor oferece possibilidade para reduzir custos, compartilhar riscos, aumentar benefícios e obter relações comerciais duradouras, assim como um maior acesso a novas tecnologias de produção, informação, comunicação e melhorar as condições de acesso a novas fontes de financiamento.

O primeiro segmento da cadeia de valor envolve o suprimento de bens e insumos necessários ao desenvolvimento da atividade. Nesse segmento estão incluídas as produções de embarcações, os motores e apetrechos de pesca e os insumos básicos como gelo, combustível e alimentos (rancho) para as refeições nas pescarias. Estes bens e insumos são fundamentais para a o desenvolvimento das atividades de pesca e se constituem nos elementos principais de custo de produção.

O segmento da produção da matéria-prima base da cadeia de valor envolve os as empresas de pesca industrial e, em maior proporção os pescadores artesanais, objeto central deste trabalho. Esse é o segmento que mais absorve mão-de-obra na cadeia, sendo também responsável pela exploração dos estoques pesqueiros de espécies bastante variadas, utilizadas para o abastecimento alimentar das famílias (autoconsumo) e a comercialização em diferentes canais. Com relação a esse segmento, no trabalho são analisados os aspectos sociais, infra-estruturais, estrutura produtiva, relações de trabalho entre outros aspectos.

Os elos subsequentes da cadeia de valor estão inseridos dentro do processo de **comercialização** sendo desenvolvidos por agentes que executam funções de agregar valor e utilidades de posse, forma, tempo e espaço ao produto, conduzindo-o até o

mercado consumidor (BRANTD, 1973; BARROS, 1989; MARQUES; AGUIAR, 1993 e REIS, 1998). Neles estão incluídos as atividades de **armazenamento, processamento, transporte e distribuição.** A questão da comercialização envolvendo a identificação dos fluxos e canais.

No caso da pesca artesanal, as funções de **armazenamento** são executadas pelo próprio pescador que, modo geral, acondiciona o pescado em recipientes com gelo e/ou, menor proporção, efetua a salga do produto para posterior consumo e/ou comercialização. No caso das empresas após a captura e conservação, o produto é submetido ao processamento que envolve a elaboração de cortes, resfriamento e congelamento para comercialização em mercados mais exigentes nos centros urbanos regionais, extraregionais e internacionais.

Os segmentos de **transporte e distribuição** envolvem os agentes responsáveis pela condução do produto ao longo dos diferentes canais de comercialização até chegarem ao mercado consumidor. Estes agentes exercem um papel importante dentro da cadeia de valor, pois executam tarefas indispensáveis que viabilizam a comercialização do pescado nos mercados local, regional, nacional e internacional. No caso do pescado comercializado no mercado local e estadual estão funções são conduzidas por atravessadores, balanceiros e outros intermediários. No caso dos mercados nacional e externo a participação é mais representativa de empresas.

O extremo final da cadeia de valor é **o mercado consumidor** de onde emana todo o estímulo de mercado. O consumidor dependendo de sua origem e nível de renda adquire o pescado em feiras livres, peixarias, supermercados ou sob a forma de pratos prontos em restaurantes e hotéis.

Toda essa estrutura é influenciada pelos **ambientes institucionais e organizacional** que envolvem as instituições e órgãos de governo relacionados à governança ou coordenação da cadeia de valor. Compreende aqueles atores responsáveis pelo estímulo e regulação das atividades produtivas como o Centro de Pesquisa e Gestão de Recursos Pesqueiros do Litoral Norte (CEPNOR/IBAMA); as instituições de apoio financeiro como o Banco da Amazônia (BASA), que apóiam projetos de investimento; Universidades e Institutos de Pesquisa, que respondem pela disponibilização do aporte de Ciência e Tecnologia (C&T) e da geração de conhecimento; as instituições de capacitação de recursos humanos e gerenciais como Sebrae e Senar entre outras.

No caso particular da pesca artesanal três questões são fundamentais nessa dimensão, a organização e integração social, assistência técnica e financiamento.

5.2.1 Insumos necessários ao desenvolvimento da atividade

Barthem (1985) destaca que a atividade pesqueira do estuário amazônico é diversificada e complexa, atuando desde pescadores artesanais, que empregam tecnologias simples, de origem tradicional, e em pequenas embarcações de casco de madeira, até empresas de grande porte, que empregam tecnologia sofisticada e embarcações de casco de metal. Além disso, esta atividade tradicional deixou de ser, para muitos, uma atividade **complementar** e tornou-se uma atividade **profissional permanente**, mesmo que, em alguns casos, seja complementada pela agricultura em pequena escala, pecuária ou extrativismo. Isso porque, os pescadores artesanais ao serem perguntados se exerciam outras atividades além da pesca, 67% dos mesmos disseram que não e 33% estavam envolvidos em outras atividades já supracitadas

A pesca artesanal no estuário Amazônico, onde se encontra a ilha do Marajó, engloba, principalmente, uma frota de embarcações consideradas de pequeno e médio porte. As embarcações de pequeno porte, são movidas a motor ou motor e vela, com casco de madeira, convés fechado ou semi-fechado, com ou sem casaria, comprimento entre 8 e 11.99 m. As de médio porte, são movidas a motor ou motor e vela, com casco de madeira ou ferro, convés fechado com casaria, comprimento igual ou maior que 12 m (Figura 11).



Figura 11: Barcos utilizados na pesca artesanal em Soure e Salvaterra

Fonte: Adna Albuquerque

A frota pesqueira de Soure e Salvaterra é composta, principalmente, por barcos de madeira, que pescam com rede de espera⁶ de tamanhos variados e podendo alcançar até 3 km de comprimento.

As embarcações em Soure e Salvaterra podem ser classificadas de **pequeno e médio porte,** podem chegar ao de comprimento 3 a 18 metros. As de pequena escala são as canoas, embarcações menores (3-5 metros) com capacidade até 3 toneladas brutas, tripuladas por 2-4 pescadores e movidas à remo e/ou vela e motor de até 3 HP de potência. Os pescadores podem levar caixas de isopor com gelo, porém não é frequente. Estas embarcações podem operar em águas costeiras com autonomia máxima de 10 dias.

As embarcações de médio (possuem urnas com gelo), carregam acima de 11 toneladas brutas, possuem capacidade acima de 50 HP de potência e em media carregam 4 pescadores em diante, e utilizam gelo sempre

A frota pesqueira pode ser caracterizada como **artesanal ou industrial** em função de vários fatores, como o nível tecnológico utilizado nas atividades de pesca, motorização ou a capacidade de transporte das embarcações (ESPÍRITO SANTO, 2002). A pesca

 $^{^6}$ É uma rede malhadeira, que fica algumas horas na água, depois o pescador vai despescar. Diferente de rede de arrasto que ele passa arrasta e leva a rede.

artesanal está relacionada com o consumo local e nacional e quando "o exercício da atividade de captura é realizado por embarcações de até 20 toneladas brutas, operando a distâncias inferiores a 5 milhas da costa ou em águas interiores"; ou ainda como "artesanal a pesca realizada em águas interiores e cuja exploração do barco se faça em regime de parceria e sejam utilizados apetrechos identificados como da pesca artesanal" (MENEZES, 1985). A pesca industrial está relacionada com a indústria de processamento do pescado e exportação (SALATI et al., 1933).

Os pescadores artesanais de Soure e Salvaterra, normalmente, trabalham por conta própria (autônomo ou proprietário) mas também podem trabalhar em barcos de empresas familiares, fazendo parte da tripulação o armador, co-armador ou outros quaisquer sócios (MENEZES, 1985). A pesca é altamente eficiente em termos da quantidade de peixe produzido por unidade de energia gasta e por unidade de capital investida (FAO, 1995).

Pode-se também fazer outra diferenciação em relação à frota artesanal. A mesma pode ser classificada como **de subsistência ou comercial**, ambas identificadas nos municípios estudados. A pesca artesanal de **subsistência** corresponde à pesca de pequena escala e, como o nome diz, é principalmente para a segurança alimentar familiar, com objetivo de consumo doméstico, sem fins lucrativos, sem pretensões comerciais. A pesca artesanal de **comercial** é aquela praticada diretamente por pescador profissional, de forma autônoma, em regime de economia familiar ou em regime de parceria com outros pescadores, com finalidade comercial.

Em relação ao aspecto da infraestrutura, importante elemento da cadeia de valor, tanto os municípios de Soure e Salvaterra possuem alguns profissionais responsáveis pela construção de embarcações de médio e pequeno porte⁷. Contudo, ressalta-se que há casos em que as canoas e/ou barcos são confeccionadas pelos próprios pescadores, como é o caso das comunidades quilombolas. Em relação aos motores, apetrechos de pesca e combustível, estes são comprados principalmente em Belém (PA) e eventualmente em Macapá (AP) e comercializados na região.

Na pesquisa de campo foi detectado que a prática mais comum de pesca envolve a utilização de redes (malhadeiras ou tarrafas), observada em 62% dos. A prática de pesca com espinhel ou tiradeira vem em segundo lugar com uma freqüência de 15%. A pesca em currais também assume destaque sendo observado em 10% dos casos. Em menor

_

⁷ As embarcações se diferenciam entre os que são para a maré e as que são para o rio.

proporção, a pesca com puçá e matapi, também é comum a captura de caranguejos e outras espécies dos manguezais estas práticas estão incluídas na categoria outros.

Em termos de tecnologia, Furtado (1993) analisa que a introdução da fibra de nylon, dos motores a diesel e a instalação de frigoríficos proporcionaram um suporte técnico importante para as mudanças ocorridas na pesca. Esta realidade é percebida nos municípios pesquisados em que a maioria dos apetrechos de pesca são comprados em Belém.

O material para a confecção de apetrechos de pesca é fornecido por lojas especializadas, como a "Casa do pescador", no "Cangalha" ou na "Loja Y. Yamada", todas nas proximidades do Ver-o-Peso a um preço que varia entre R\$ 70,00 a R\$ 100,00 (malhadeiras de 30x35, 40x40). Com a facilidade com que esse material é encontrado, observa-se que a composição artesanal da rede de emalhar, vem sendo trocada pela compra da panagem da rede já pronta. Isso faz com que a tradição de fazer a rede de malha venha perdendo fôlego e desestruturando uma forma tradicional de trabalho, principalmente feminino, e desagregando assim valor a atividade.

De acordo com pescadores entrevistados "não sai em conta comprar o tubo de nylon para fazer a rede, sai mais caro". Isto porque, segundo informações dos pescadores para se fazer uma rede de pescar, de forma artesanal, o tempo médio é de 1 a 3 anos com o uso de aproximadamente 30 a 40 tubos de nylon que hoje custam em média R\$ 6,00 cada um. Assim, acabam comprando um "pano de rede", que corresponde a 100 metros e fazem o trabalho de entralhá-la⁸. A diária paga a este serviço é de R\$ 20,00. Esta atividade se complementa a de conserto da rede que pode ser tanto uma atividade masculina quanto feminina. A confecção da panagem ou entralhe das malhadeiras não difere de preço quando confeccionados por homens ou por mulheres (Figura 12).

Q

Colocação do cabo, chumbo e bóias.



Figura 12: Atividade de entralhar a rede de pesca Fonte: Ruth Almeida

Destarte, de modo predominante, em Soure e Salvaterra são empregadas redes malhadeiras⁹ de diversos tamanhos e malhas, dependendo da espécie alvo. Porém, as comunidades quilombolas possuem certo diferencial.

A prática de compra da panhem pronta não é realizada nas comunidades quilombolas no Município de Salvaterra. Os pescadores compram a fibra e tecem a panagem das redes, afirmam que a malhadeira tecida artesanalmente é mais eficiente. Em segundo lugar, nestas comunidades, vem o uso do espinhel¹⁰ que varia com os números de anzóis, de acordo com a capacidade da embarcação. Foram entrevistados pescadores com espinheis de 60 anzóis até pescadores com espinheis de 1500 anzóis.

Para a pesca do camarão é utilizado o matapi¹¹. A composição desta armadilha vem se modificando a partir da substituição do seu material de confecção.

A fibra natural está sendo substituída por plástico, mais especificamente garrafas pet ou garrafas de vinho. Esta mudança está ocorrendo devido à praticidade da utilização do material plástico. A prática antiga de confeccionar matapís com talas de palmeiras demanda muito trabalho e tempo, segundo relatos dos pescadores e pescadoras de camarão. Alem de que torna muito mais fácil para guaxinim destruir e inutilizar a armadilha, pois o animal captura os camarões de dentro da armadilha através dos

_

Mistura de rede de emalhar (malhadeira) e rede de arrasto. Utilizada na captura de bagres.

Linha comprida com vários anzóis, em que as duas pontas estão amarradas nas margens.

Armadinha para a captura de camarões.

espaços entre as talas, destruindo-as, o que não ocorre com as armadilhas de plástico (Figura 13 A e B).

A pesca do camarão também é realizada com tarrafas, porém em menor escala devido à maior eficiência da pesca realizada com matapi.





Figura 13 A e B: A- Matapi tradicional de fibra Natural e tarrafa e B- Matapis de garrafa de vinho utilizados para pesca do camarão na Ilha do Marajó.

A violência também foi ressaltada pelos pescadores. De acordo com os mesmos o uso da malhadeira vem sendo substituído pelo uso do espinhel, pois a ação de piratas ou ratos d'água¹² que atuam na região tem prejudicado a atividade e o medo vem fazendo parte da rotina dos pescadores artesanais onde o principal alvo os apetrechos de pesca (redes) e motores.

5.2.2 Produção do pescado

No aspecto relacionado à produção do pescado, 87,5% dos pescadores artesanais entrevistados disseram serem donos de suas próprias embarcações.

Os locais de pesca citados foram o rio (46%), o mar (42%), 4% disseram não possuir lugar fixo e 8% pescam em igarapés dos municípios. A decisão de escolha deve-se a proximidade da comunidade em relação aos corpos d'água. Moradores de comunidades

Ação de bandidos saqueadores de embarcações que roubam e utilizam quase sempre de violência física. Em alguns casos os pescadores perdem além de seus apetrechos, a produção, muitas vezes, de vários dias de pescaria, além de motores e embarcações. Esta prática foi citada como algo que tem interferido no desempenho das atividades dos pescadores artesanais.

próximas aos rios e igarapés pescas nestes corpos d'água, já os que moram próximo às praias, pescam no estuário (Figura 14).

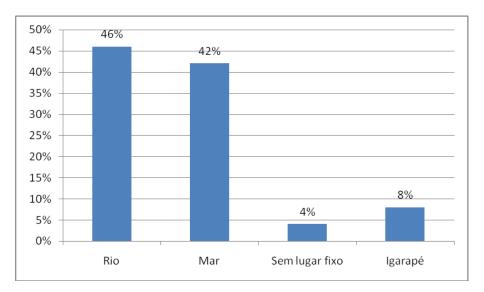


Figura 14: Locais de pescaria Fonte: dados da pesquisa.

Com relação ao esforço de pesca, tanto em Soure como em Salvaterra, a média de tempo de pesca é de 24 horas por semana para pesca artesanal comercial de pequena escala.

A pesca é realizada de acordo com o tempo das marés e depende do clima da região. Se o tempo estiver não estiver favorável, com muitos ventos e chuvas, a pesca não é realizada, pois, torna-se perigosa de acordo com relatos dos pescadores.

As pescarias de longa duração, que envolvem a frota artesanal comercial de larga escala, pode se estender até sete dias de duração ou de sete a quinze dias, esta frota embarcações de maior capacidade ocorrendo em menor proporção.

Quanto ao tempo médio de duração das pescarias, obtiveram-se os resultados apresentados na Figura 13. As pescarias de curta duração (até 24 horas semanais) representam 57% do total. Nesta categoria estão incluídas as pequenas embarcações que apresentam limitações de deslocamento em grandes distâncias e englobam as pescarias com anzol, tarrafas e também as despescas de curral (Figura 15). O pescado proveniente dessa frota é vendido para barcos geleiras e em mercados locais.

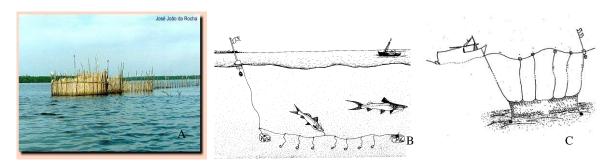


Figura 15 A, B e C: Artes de pesca utilizadas pela frota artesanal comercial. A- curral, B – espinhel, C- rede de emalhar

As pescarias com duração incluída nas categorias de 1 a 7 dias e de 7 a 15 dias representam 41% do total e envolve além das canoas à remo e à vela os barcos de maior capacidade. As pescarias com duração superior à 15 dias representam apenas 2% do total (Figura 16).

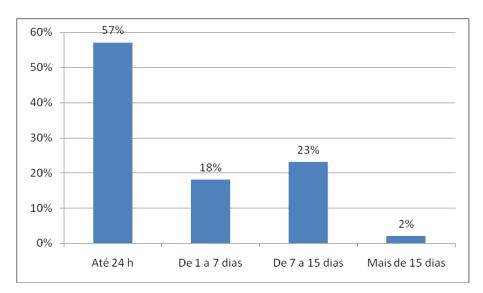


Figura 16. Tempo de duração das pescarias em Soure e Salvaterra Fonte: dados da pesquisa.

Outra informação obtida em campo refere-se às espécies capturadas. O Quando 1 mostra a distribuição das espécies mais freqüentemente capturadas pelos pescadores artesanais de Soure e Salvaterra.

As principais espécies capturadas são: pescada amarela (*Cynoscion spp.*), dourada (*Brachyplatystoma favicans*), Gurijuba (*Arius parkeri*), filhote (*Brachyplatystoma filamentosum*), pescada gó (*Macrodon ancylodon*), pescada branca (*Plagioscion*

squamosissimus), bagre (Pariolius spp,) corvina (Plagioscion tenezi), tainha (Mugil curema) e tamoatá (Hoplosternum litoralle).

Os pescadores têm observado que estas espécies estão diminuindo de quantidade e de tamanho com o passar do tempo. Além disso, relatam que não conseguem mais pescar algumas espécies como a enxova. A maior piscosidade é no período seco, quando a produção diária dos pescadores é de 40 kg de peixe. No período chuvoso, devido a "água grande", é de 5 –10 kg. Do total capturado, 20% é consumido no local e 80% comercializado na comunidade, cujo preço varia de R\$0,50 a R\$8,00/kg, dependendo da espécie.

Com relação aos preços recebidos pelos pescadores observa-se uma grande variabilidade. No caso das espécies de alto valor comercial como é o caso da pescada amarela, filhote e dourada o preço recebido oscila entre R\$ 3,75 e R\$ 8,0/kg dependendo do tamanho do peixe. Acima de 5 kg o peixe de primeira pode ser comercializado a partir R\$ 6,00. Abaixo de 5kg o peixe de primeira pode ser comercializado entre R\$ 3,50 e R\$5,00. Para as espécies de menor valor, que se encontram nas categorias de peixe de terceira, quarta e quinta categoria, como o bagre e a pescada gó, observa-se uma variação entre R\$ 0,30 e R\$ 0,70/kg (Figura 17).

Estes valores do pescado correspondem ao peixe que é vendido nas comunidades ou diretamente para o marreteiro ou atravessador. O preço do pescado altera quando chega aos mercados municipais e, principalmente ao mercado do Ver-o-Peso quando aumentam de valor.

O termo utilizado pelo pescador para classificar o pescado (peixe de 1ª, 2ª, 3ª, 4ª e 5ª categorias) não é uma classificação local ou "nativa", tanto que não souberam precisar exatamente o que difere um peixe de uma categoria para outra, citaram apenas a qualidade da carne. Neste sentido, esta classificação é utilizada na "pedra" do Ver-o-Peso para aferir preço ao pescado (Figura 17).

_

¹³ Porto do Ver-o-Peso de carga de descarga de pescado oriundo de diferentes regiões do Pará e que são comprados pelos chamados balanceiros.

Categoria	Peixe	Nome científico	Preço na	Preço do pescado no	Preço do pescado no MM
			comunidade (R\$/Kg)	MM* de Soure e	do Ver-o-Peso em
				Salvaterra (R\$/Kg)	Belém(R\$/Kg)
Peixe de 1 ^a .	Dourada	Brachyplatystoma rousseauxii	3,75	6,50	9,50
	Filhote	Brachyplatystoma filamentosum	5,00	8,00	12,00
	Pescada amarela	Cynoscion acoupa	3,50	7,00	10,00
	Camurim	Calophysus	4,50	6,50	9,00
	Tucunaré	Cichla sp	5,50	8,00	10,00
Peixe de 2 ^a .	Pescada Branca	Plagioscion squamosissimus	1,50	4,00	6,00
	Serra	Sarda sarda	2,00	3,00	4,50
	Tainha	Mugil incilis	3,00	4,00	6,00
	Sarda	Scomber scombrus	1,50	2,50	3,00
Peixe de 3 ^a .	Piramutaba	Brachyplatystoma vaillanti	2,25	3,00	4,00
	Gurijuba	Arius spp	1,80	2,50	4,00
	Tamoatá	Hoplosternum litoralle	1,50	3,00	4,00
Peixe de 4 ^a . e 5 ^a	Bagre	Pariolius spp.	0,60	1,50	2,00
	Pescada Gó	Macrodon ancylodon Schn.	0,40	1,00	- (Não chega ao VOP)
	Bandeirado	Bagre bagre	0,60	1,50	- (Não chega ao VOP)
	Pacamum	Batrachoides surinamiensis	0,30	0,50	- (Não chega ao VOP)
	Timbiro	Oligoplits palometa	0,30	0,50	- (Não chega ao VOP)

Figura 17: Classificação dos pecados e valores de acordo com o mercado Fonte: Pesquisa de campo - * Mercado Municipal

5.2.3. Divisão do Trabalho e a "invisibilidade do trabalho da mulher na Pesca Artesanal

Um importante fenômeno vem ocorrendo na atividade pesqueira, que no caso particular deste estudo foi detectada - a de que os pescadores artesanais estão envelhecendo e não estão sendo substituídos, na mesma proporção, pelos jovens.

Neste contexto, faz-se necessário uma leitura deste fenômeno, na perspectiva das relações de gênero, ou seja, entender quais e como os papéis sociais atribuídos a homens e mulheres em determinadas sociedades, não esquecendo a variável idade e por vezes, a variável cor conforme define Beck (1989). A autora enfatiza que a construção social do gênero está diretamente relacionada às representações produzidas sobre os homens e as mulheres em cada cultura e em cada sociedade. Ambos pertencem a universos de domínios distintos e em muitas culturas, como no caso a pesqueira, estas atividade não caberiam ao gênero feminino. Neste sentido, a ênfase dos estudos das relações de gênero na pesca tem focado sobre o papel social das mulheres na pesca artesanal, pois é latente que existe uma "invisibilidade" do trabalho das mulheres e especificamente na pesca artesanal de Soure e Salvaterra elas "ajudam". Não há reconhecimento social da sua importância.

A representação de um universo ainda masculino da pesca fica latente quando perguntados aos pescadores quem os havia ensinado a profissão. 71% deles disseram ser o pai o responsável, 13% disseram ter sido o pai e a mãe e 8% vizinhos. A mãe sozinha não foi citada (Figura 18).

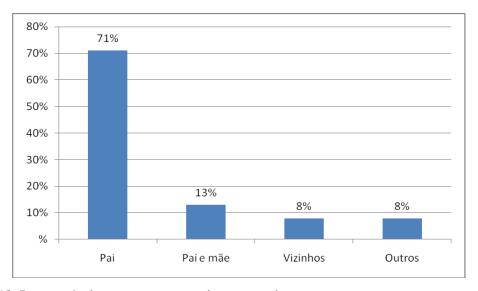


Figura 18. Responsável em repassar os ensinamentos da pesca Fonte: dados da pesquisa.

Outros aspectos, desta relação de gênero, devem ser enfatizados:

- Há restrições alimentares e espaciais da atuação das mulheres na pesca (existem peixes que não podem ser consumidos durante a menstruação, menarca, pós parto e etc.);
- Em muitos locais, na visão do homem, a presença da mulher em embarcações, principalmente as pesqueiras, seria prelúdio de mau agouro e infortúnio ("panema", má sorte);
- Estão cada vez mais presentes nas colônias e associações de pesca;



Figura 19: Associação das Mulheres de Pesqueiro – ASMUPESQ

Fonte: Ruth Almeida

- São cada vez mais chefas de família;
- A atividade de comercialização não é, na maioria das vezes, responsabilidade da mulher. A venda do peixe não é de responsabilidade da mulher, com exceção ao camarão e caranguejo onde o espaço de transação comercial já é mais visível;
- O beneficiamento do pescado fica sob responsabilidade feminina, além de que também fazem as iscas;
- Cada vez menos tecem as redes, pois as mesas estão sendo compradas, diminuindo as atividades onde as mesmas estavam envolvidas;
- Atuam ainda manutenção e reparo dos instrumentos de pesca (Figura 20).

Atividades	Homens adultos	Mulheres adultas	Jovens e crianças
Pesca em alto mar			
Pesca em rios e igarapés			
Beneficiamento de pescado			
Manutenção e reparo de			
instrumentos de pesca			
Tecer rede			
Pescar camarão			
Preparo de iscas			
Catação de caranguejo			
Comercialização do peixe			
Comercialização do camarão			
Comercialização do caranguejo			

Figura 20: Atividades da pesca artesanal divididas por gênero

Fonte: dados da pesquisa.

Neste sentido, na figura 20 é retrata a divisão de trabalho de homens adultos, mulheres adultas e jovens e crianças que cada vez menos atuam nas atividades da pesca artesanal. Assim, dentro da dimensão de gênero pode haver complementaridade e negociação, e a possibilidade de negociação contém importantes implicações para o planejamento e o co-manejo, porque coloca os planejadores e as comunidades em um nível no qual é possível promover maior equidade na distribuição dos benefícios e direitos. Enquanto os homens estão em sua maioria vinculados culturalmente ao setor produtivo, relativo à produção de bens e serviços para o consumo ou a venda, a sociedade e a cultura atribuem à mulher o papel materno, que reforça os vínculos biológicos e é por eles reforçado, criando os significados simbólicos de proximidade da natureza. As mulheres estão vinculadas à reprodução, que inclui uma grande variedade de responsabilidades relativas ao bem-estar e sobrevivência da família mediante a manutenção do lar através de diversas tarefas, como coletar água e lenha nos ambientes rurais, preparar os alimentos, limpar e manter a casa e a horta, atender e educar as crianças, fazer compras, velar pela saúde da família. Especialmente as mães esforçam-se para conciliar as dimensões produtiva e reprodutiva, que são complementares, mas muitas vezes

concorrentes e contraditórias, o que está na base da discriminação e das dificuldades.

5.2.4. Comercialização e Transporte

O arquipélago do Marajó apresenta uma enorme insuficiência e precariedade em termos de infraestrutura econômica em todos os seus componentes: transportes, energia, telecomunicações e armazenagem.

A cadeia de valor da pesca nos Municípios de Soure e Salvaterra possui quantidade diversificada de consumidores para seus produtos. O primeiro segmento da cadeia são os ambientes aquáticos, como rios, lagos, igarapés e as águas costeiras do estuário da ilha de Marajó, necessários para que a atividade seja desenvolvida.

O segmento da produção de pescado é realizado por pescadores artesanais. Este é o segmento responsável pela exploração dos estoques pesqueiros.

Os demais segmentos da cadeia de valor da pesca estão inseridos dentro do processo de comercialização. São representados tanto por pescadores artesanais que comercializam a produção quanto por agentes que realizam funções de agregar valor ao produto até que este chegue ao mercado consumidor. É neste segmento que também se inserem os intermediários e feirantes. O armazenamento começa a ser realizado pelo pescador que acondiciona o pescado em caixas de isopor com gelo e/ou, em menor proporção, realiza a salga do peixe para posterior consumo e comercialização. Ao chegar ao intermediário o pescado é transportado e distribuído até o mercado consumidor. Estes agentes realizam um papel importante dentro da cadeia de valor, pois executam tarefas que facilitam a comercialização do pescado nos mercados local, regional, nacional e internacional (Figura 21).

Santos (2005) destaca que as figura mais presentes são o patrão aviador, os atravessadores e os marreteiros. O patrão aviador normalmente é aquele que financia os esforços de pesca, ou seja, é o dono da embarcação ou geleira, este custeia a alimentação, o combustível e o gelo necessário para conservação do pescado. Nesse tipo de relação, o patrão fica com 50% da renda obtida na pesca, e o restante dos 50% é dividido aos tripulantes, mas antes são abatidas as despesas de produtos consumidos pelos mesmos nas viagens de pescarias ou/e adiantamentos cedidos pelos patrões para despesa da família dos pescadores enquanto este se encontra viajando. Vale ressaltar que esse tipo de relação também gera obrigatoriedade de venda do produto ao patrão aviador.

Outro tipo de agente de comercialização são os marreteiros, sendo estes com um raio de ação bastante restrito, pois adquirem pequenas quantidades de pescado diretamente dos pescadores a um preço mínimo e comercializam nas vilas ou sede do município com feirantes ou pequenos comerciantes interagindo também com os atravessadores. Os atravessadores podem ser enquadrados em duas categorias: a) corretores e aviadores; b) agentes de transporte e venda. Os corretores adquirem o produto diretamente dos pescadores e também dos aviadores para posterior comercialização com outros agentes, já os agentes de transporte e venda, comercializam o produto em outros municípios e outros estados do país.

O pescado começa a ser comercializado no próprio porto de desembarque do pescado e posteriormente comercializado no mercado local e estadual por marreteiros, atravessadores e balanceiros. Os marreteiros levam o produto pescado a partir do porto de desembarque ou a casa do pescador, até às comunidades vizinhas, Soure e Salvaterra. O atravessador leva o pescado até o mercado do Ver-o-Peso e ao estado do Maranhão. O balanceiro distribui o pescado para o s mercados de Belém, outros estados e o exterior. O final da cadeia de valor é o consumidor, onde dependendo de seu poder aquisitivo ele adquire o pescado em feiras livres, peixarias, supermercados ou em restaurantes e hotéis. A Cidade de Belém possui maior quantidade de população. Em conseqüência disso possuem maiores mercados e feiras tendo uma cadeia de valor com diversidade de consumidores finais.

Com quantidade populacional menor quando comparados à Belém. Salvaterra e Soure não possuem grandes mercados e feiras. Assim, seus produtos são vendidos na forma de entrega e entrepostos, e possuem menor quantidade de consumidores que são o último segmento da cadeia.

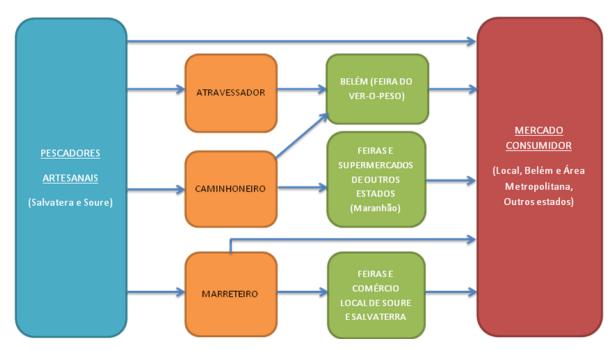


Figura 21: Fluxo de comercialização da pesca dos Municípios de Soure e Salvaterra

Fonte: dados da pesquisa.

Nos municípios de Soure e Salvaterra a forma como o pescado é comercializado é na sua maioria *in natura* (fresco) ou resfriado. Este último é executada pelo próprio pescador (Figura 22).



Figura 22: Venda do pescado em mercados locais de Soure e Salvaterra. Fonte Adna Albuquerque

Nas comunidades quilombolas a cadeia de valor da pesca é diferenciada e mais limitada quando comparada a outras comunidades de pesca. A cadeia não possui o atravessador, pois a quantidade de pescado, na maioria das vezes é reduzida, sendo suficiente para o consumo da comunidade. Outra forma de comercialização do pescado nas comunidades quilombolas é para os hotéis do próprio município de Salvaterra que encomendam espécies específicas como o tucunaré (*Cichla SP*). Nestas comunidades os peixes comercializados são na maioria das vezes, os peixes de rio, devido a distancia da localização destas comunidades com a costa do Marajó (Figura 23).

Os peixes comercializados são classificados por categorias de acordo com a quantidade de espinhas, tamanho do peixe, quantidade de gordura e principalmente o sabor da carne.

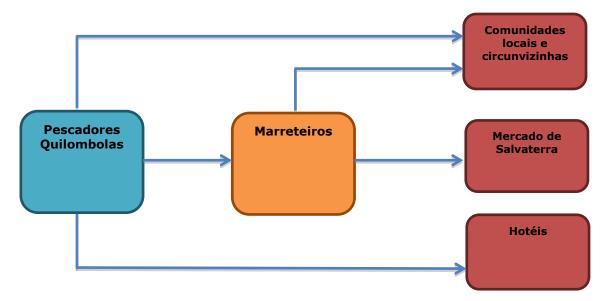


Figura 23. Fluxo de comercialização do pescado de comunidades Quilombolas do município de Salvaterra, Arquipélago do Marajó, estado do Pará.

Fonte: dados da pesquisa

A inexistência de infra-estrutura de apoio à pesca tira do produtor qualquer poder de barganha, expondo a classe à ambição dos atravessadores (intermediários). Mesmo assim, muitos são da opinião de que sem eles seria ainda pior, pois não teriam como vender a produção deixando o setor estagnado. Embora o sistema de Colônia de Pescadores mantenha uma atuação na região, apesar das denúncias de irregularidades

em algumas colônias, existe a consciência de que a falta de maior organização do setor pesqueiro é um grande entrave para o desenvolvimento da pesca regional.

A partir do nível de mercado atacadista o produto chega ao varejo local, regional e nacional ficando disponível para o consumidor nos supermercados, restaurante, casas de carnes e feiras-livres, com os mais variados preços dependendo da sua forma.

Os segmentos de transporte e distribuição envolvem os agentes responsáveis pela condução do produto ao longo dos diferentes canais de comercialização até chegarem ao mercado consumidor. Estes agentes exercem um papel importante dentro da cadeia de valor, pois executam tarefas indispensáveis que viabilizam a comercialização do pescado nos mercados local, regional, nacional e internacional. No caso do pescado comercializado no mercado local e estadual essas funções são desempenhadas por atravessadores, balanceiros e outros intermediários. No caso dos mercados nacional e externo a participação é mais representativa de empresas.

O extremo final da cadeia de valor é o mercado consumidor de onde emana todo o estímulo de mercado. O consumidor dependendo de sua origem e nível de renda adquire o pescado em feiras livres, peixarias, supermercados ou sob a forma de pratos prontos em restaurantes e hotéis (BARBOSA, et. al. 2007; GTZ, 2007; SANTANA, 2008).

Algumas espécies de peixes já foram sobre-explorados pelas pescarias comerciais industriais no estuário amazônico. Os pescadores da Ilha de Marajó apontam que nos últimos anos o pescado tem se tornado escasso em decorrência da pesca predatória de embarcações da pesca industrial que praticam a pesca de arrasto em parelha no estuário Amazônico. Esta pesca tem como espécie alvo a piramutaba (*Brachyplatystoma vaillantii*).

A pesca industrial além do interesse pela piramutaba explora também, outros tipos de bagres do gênero *Brachyplatystoma* quando de água doce e pescadas do gênero (*Plagioscion*), quando marinhos.

A pesca industrial além de reduzir os estoques de pescado tendo como conseqüência a sobre-pesca e escassez das espécies consumidas pela pesca artesanal, gerando uma série de consequência para o meio social que depende desse estoque e para o meio ambiente. Iniciativas de caráter emergencial devem ser tomadas para o manejo das espécies sobre-exploradas.

Um aspecto importante é sazonalidade da produção. A sazonalidade é um fator marcante na pesca tendo em vista o caráter biológico da reprodução e crescimentos dos estoques de peixe. A sazonalidade da descarga dos grandes rios causa a oscilação do

nível da água na sua bacia, e o deslocamento da zona de contato da água doce com a marinha, no seu estuário. O período chuvoso ou de inverno, no primeiro semestre do ano, é caracterizado pelo aumento da descarga destes rios. As águas marinhas afastamse da costa e a Baía de Marajó, ao sul da Ilha de Marajó, e a parte externa da foz do Rio Amazonas, ao norte da mesma, tornam-se uma continuação do rio Amazonas. No período de seca ou verão, ocorre o inverso: as águas com influência marinha penetram na baía de Marajó e aproximam-se da desembocadura do rio Amazonas, porém não chegam a penetrar no rio.

A figura 24 apresenta a distribuição da produção de pescado para as principais espécies comercializadas pelos pescadores artesanais dos municípios de Soure e Salvaterra.

Espécies	Meses											
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Dourada												
Filhote												
Pescada amarela												
Camurim												
Tucunaré												
Pescada branca												
Serra												
Tainha												
Sarda												
Piramutaba												
Gurijuba												
Tamoatá												
Bagre												
Pescada Gó												
Bandeirado												

Figura 24: Calendário de Pesca Fonte: Pesquisa de Campo

Devido a este deslocamento da zona de contato entre o rio e o mar, a composição da ictiofauna estuarina na foz amazônica é marcada sazonalmente pelas alterações da salinidade e turbidez da água. Durante os meses de inverno, de janeiro a maio, predominam em abundância e diversidade as espécies com distribuição em águas continentais. No verão, de junho a dezembro, a situação se inverte, predominando as espécies marinhas na Baía de Marajó.

Este fato molda de forma absoluta a atividade pesqueira da região. Portanto espécies possuem período de captura bastante restrito de acordo com a sazonalidade, como é o caso da pescada gó, dourada e da tainha. Isso enfatiza a importância do defeso na região.

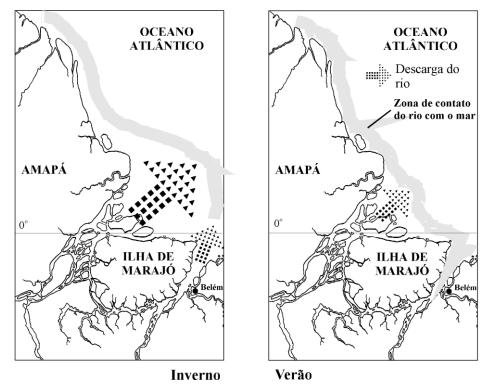


Figura 25- Sazonalidade do estuário amazônico

Fonte: Ronaldo Barthem

Sobre os recursos pesqueiros no Marajó, existem estudos em andamento sobre ecologia das espécies na região, porém é necessário maior envolvimento das instituições de pesquisa para que intensifiquem os estudos de biologia pesqueira, visando à adequação da legislação específica vigente. Em curto prazo, promover a articulação e envolvimento das instituições de pesquisa e órgãos ambientais, associações e colônias de pescadores para o estabelecimento de acordo de pesca e manejo dos recursos.

5.2.5. Ambiente institucional, organizacional e acesso ao crédito - papel das organizações sociais em Soure e Salvaterra

No ambiente institucional foram pesquisados três aspectos: a) o associativismo, b) a assistência técnica; e c) o acesso às linhas de financiamento.

Desde a fundação das colônias de pescadores, sob a tutela do estado, no início do século XX, os Pescadores sofreram influência política de órgãos Governamentais. Com a promulgação da Constituição de 1988 as Colônias de pescadores passaram a exercer novos papéis sendo consideradas como organizações de ordem sindical.

No âmbito estadual, as Colônias estão vinculadas a uma Federação. No Estado do Pará a representação do conjunto de Colônias é a Federação dos Pescadores do Estado do Pará (FEPA) e o Movimento dos Pescadores do Estado do Pará (MOPEPA). Em âmbito nacional o vínculo é com a Confederação dos Pescadores do Brasil. Atualmente, segundo dados da FEPA (2001) e UFPA (2003), o Estado do Pará conta com 65 Colônias de pescadores distribuída em todo o seu território.

As Colônias de Pescadores Z-2 do Município de Salvaterra e a Z-1 do município de Soure encontram-se em estado e precariedade de infra- estrutura para funcionamento e grande número de pescadores não se encontram cadastrados nas colônias e dos que estão muitos recebem seus direitos regularmente.

Além das colônias de pesca, existem outras formas de institucionalidades como as associações de Pescadores, camaroeiros e caranguejeiros, que de certa forma, chamou a atenção nos dois municípios pelo grande número.

As vantagens das organizações giram em torno da possibilidade de aumento de poder para negociar e firmar parcerias junto aos agentes do poder público e privado, buscando conquistas em termos de políticas de crédito envolvendo adequações de condições operacionais, como prazos de carências, taxas de juros, períodos de amortização etc. Pode também direcionar a oferta de cursos de capacitação técnica e gerencial adequado às necessidades da organização e à agregação de valor aos seus produtos.

Por outro lado, isto não quer dizer que questões como acesso à linhas de financiamento, assistência técnica, infra-estrutura entre outras necessidades estejam resolvidas.

a) Assistência Técnica

Os serviços de assistência técnica e gerencial são fundamentais para ampliação e desempenho da pesca artesanal, visto que pode viabilizar um melhor emprego e gestão dos fatores de produção e dos recursos naturais garantindo melhores resultados socioeconômicos aos pescadores e suas famílias.

Na pesquisa de campo constatou-se que no município de Soure o papel da EMATER tem sido fundamental na assistência técnica e extensão rural. Neste município não existe a Secretaria de Meio Ambiente e nem a de Pesca. A relação mais estreita é com a Secretaria de Produção.

No município de Salvaterra existe a Secretaria de Meio ambiente, mas a referencia dos pescadores foi em relação à colônia.

Os Pescadores elencaram uma série de necessidades ligadas a serviços de assistência técnica e gerencial, como cursos de mecânicos para barcos, curso para carpinteiro, cursos para fabricação de seus próprios apetrechos de pesca, curso de costura, e principalmente beneficiamento do pescado. Este é fator fundamental para ampliar o desempenho da pesca artesanal na ilha de Marajó, visto que viabilizaria melhor utilização e gestão dos fatores de produção e dos recursos naturais, garantindo melhores resultados aos pescadores e suas famílias.

b) Acesso a linhas de financiamento

Esta variável é de suma importância, pois possibilita identificar o nível de integração dos pescadores artesanais e suas entidades representativas com as instituições financeiras de fomento. O acesso às linhas de crédito para custeio e, principalmente, de investimento para aquisição de embarcações, equipamentos e treinamento de recursos humanos, pode ampliar o desempenho produtivo dos pescadores artesanais.

Os resultados da pesquisa de campo demonstram que os pescadores artesanais constituem um dos segmentos produtivos do meio rural que mais tem se mantido à margem dos instrumentos oficiais de crédito rural, apesar do avanço em Soure com a orientação da EMATER.

Para aquisição de créditos os pescadores estão inseridos na categoria de "Agricultor familiar investimento" no PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da agricultura familiar), que são aqueles possuem renda anual de R\$ 6 mil a R\$ 110 mil

reais. Este programa fornece créditos de R\$ 6 mil a R\$ 130 mil reais com encargos que variam de 1% ao a 4% ao ano.

Segundo o técnico desta instituição, que é engenheiro de pesca, a instituição tem feito um trabalho de esclarecimento e tem sido um elo importante entre o Banco da Amazônia e os pescadores. Segundo informações do mesmo a inadimplência tem diminuído bastante.

Porém, os bancos como o BASA, têm colocado diversas exigências para o fornecimento de créditos para os pescadores. Isto ocorre devido ao histórico de inadimplências e uso indevido do crédito pelos pescadores. Fiscalizações são realizadas periodicamente pelo fornecedor do crédito e concluem que a maior parte dos pescadores não utiliza o fomento para o objetivo declarado, não tendo como pagar os empréstimos.

Os pescadores afirmam a grande importância ao acesso às linhas de crédito para custeio e, principalmente, de investimento para aquisição de embarcações, e equipamentos para aumento da produção da pesca. Demonstraram insatisfação e, sentem-se injustiçados devido às exigências impostas pelos bancos para o fornecimento de créditos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos analisados sobre a cadeia de valor da pesca tanto no estado do Pará como no Marajó, especificamente, encontram-se de forma fragmentada. O que se verifica são estudos sobre alguns elementos formadores da cadeia de valor supracitados, já demonstrando uma desarticulação entre elementos que são essenciais para se caracterizar uma cadeia e a falta de uma visão sistêmica.

A pesca nos municípios da ilha é, principalmente, artesanal, observando-se a falta de organização, a dispersão dos produtores, elevadas perdas, baixa qualidade de alguns produtos, ausência de infraestrutura de apoio, gerando um fluxo de comercialização incerto e injusto para os pequenos produtores. Apesar disto, a pesca artesanal é o segmento que mais absorve mão-de-obra, sendo também responsável pela exploração dos estoques pesqueiros de espécies variadas, utilizadas para o abastecimento alimentar das famílias e para a comercialização em diferentes mercados.

Segundo o registro geral da Pesca (RGP) do Ministério da Pesca e Aquicultura, o estado do Pará é o segundo maior produtor de pescado do Brasil sendo grande exportador de pescado (Sepaq, 2011). Neste sentido, a pesca artesanal possui importante papel socioeconômico na geração de mão-de-obra, geração de renda e suprimento alimentar

para população. Mostrando assim, a complexidade da atividade e que a cadeia de valor da pesca possui um leque de consumidores finais e vendedores intermediários.

O Município de Soure e Salvaterra são responsáveis por um dos maiores desembarques de estoques pesqueiros do estado do Pará, desembarcando em seus portos toneladas pecado anualmente.

A pesca artesanal na ilha de Marajó continua a cumprir importantes funções na economia paraense, da produção estadual de pescado do estado é o segmento do setor pesqueiro que tem contribuído decisivamente para manter o Estado do Pará como o maior produtor de pescado do país, com 17,3% da produção nacional. É também uma fonte relevante de ocupação de mão-de-obra, alimentos e renda para um grande contingente da população estadual, particularmente, no meio rural.

Inúmeros problemas têm dificultado o desenvolvimento da atividade e da cadeia de valor em bases sustentáveis. O nível de organização social dos pescadores precisa ser fortalecido. Mesmo com muitos pescadores registrados nas Colônias de Pescadores a sua participação, em grande proporção, não tem sido efetiva se reduzindo apenas a ida em reuniões de forma esporádica.

As associações de pescadores existentes nos distritos, vilas e comunidades também estão fragilizadas, pois carecem de um maior aporte em termos de infra-estrutura e gestão para atender as demandas de seus associados. Essa é uma questão fundamental e que precisa ser trabalhada no curto prazo visto que poderá convergir para o fortalecimento do capital social.

Um outro elo da cadeia que precisa ser fortalecido é o da assistência técnica e extensão rural (ATER). Há necessidade de que o governo, em seus diferentes níveis, destine recursos para financiamento bancário. O prestação de serviços de ATER, no contexto atual, vai muito além do ensinar a fazer, avança no campo da gestão, da comercialização, do despertar para as questões econômicas e ambientais associadas à atividade. Esse é o novo enfoque que deve ser construído e disseminado especialmente no caso pesca artesanal em que as questões econômicas, sociais e ambientais encontram-se intimamente associadas.

A oferta de recursos financeiros para os pescadores artesanais também deve ser ponto de destaque em qualquer agenda voltada para o desenvolvimento da cadeia. Estes financiamentos devem ser destinados para a aquisição de embarcações, apetrechos e para o custeio do esforço de pesca.

O crédito é um instrumento essencial para estimular o desenvolvimento da pesca

artesanal. Todavia, o acesso aos programas e/ou linhas de financiamento devem ser corroborados por um mínimo de pré-condições que obrigatoriamente devem envolver aspectos de gestão, comercialização e ATER.

Nos municípios analisados, não há respeito ao período de defeso, agravando ainda mais a pressão sobre os estoques pesqueiros. Existem poucas fontes alternativas e renda e nem todos os pescadores possuem o seguro defeso.

Problemas socioeconômicos afligem as comunidades de pescadores artesanais na ilha de Marajó, a gestão dos recursos pesqueiros é de grande importância dentro do processo desenvolvimento da pesca artesanal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, C. G. G., NEVES, P. R. S., SANTOS, M. A. S. **Análise das margens de comercialização de pescado no Estado do Pará**. In: Resumos da IV Semana Acadêmica do IESAM. Belém: IESAM, 2004. 1p.

AGUIAR, J. V. et al. Diagnóstico preliminar da pesca artesanal nos municípios de Bragança e Vigia. Belém: EMATER/PA, 1976.

ALMEIDA, Marineide Pereira de. Mulher na Pesca: entre a cozinha e o pescado. *TCC*. UFPa/CFCH/Curso de Ciências Sociais, Belém,1995.

AVIZ, Adriana de. A empresa pesqueira em Icoaraci – Tempo e Disciplina. *Dissertação de Mestrado*. UFPA/CFCH/ Departamento de Sociologia. Belém, 2002.

BARBOSA, J. A.; SANTANA, A. C. de; SILVA, I. M.; BOTELHJO, M. N.; CONDURÚ NETO, J. M. H. Características comportamentais do consumidor de peixe no mercado de Belém. **Boletim Técnico-Científico do CPNOR**, Belém, v.7, n.3, 2007. BARROS, G.S.C. **Economia da comercialização agrícola**. Piracicaba: ESALQ/USP. 1989. 306p.

BARTHEM, R. B. Descrição da Pesca da Piramutaba (*Brachyplatystoma vaillantii*. Pimelodidae) no Estuário e na Caixa do Rio Amazonas; **Boletim do .Museu Paraense Emílio Goeldi-.Antropologia,** 6 (1), p.117-130, 1990 a.

BARTHEM, R. B. **Ecologia e Pesca da Piramutaba** (*Brachyplatystoma vaillantii*)190b 268p. Tese de Doutoramento; Universidade Federal de Campinas; Campinas.1990.

BARTHEM, R. B. O desembarque na região de Belém e a pesca na foz amazônica. In: Rufino M. L. (Ed.) **A pesca e os recursos pesqueiros na Amazônia brasileira**. Manaus: Pro-Várzea, 2004. 138-167

BARTHEM, R. B. Ocorrência, distribuição e biologia dos peixes da baía de Marajó, estuário amazônico. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi-Zoologia**, Belém, 2(1), p. 49-69, 1985.

BARTHEM, R. B; FABRÉ N. N. Biologia e diversidade dos recursos pesqueiros da Amazônia. In: RUFINO M. L. (Ed.) A pesca e os recursos pesqueiros na Amazônia brasileira. Manaus: Pro-Várzea, 2004. 11-55

BARTHEM, R.B. Development of commercial fisheries in the Amazon basin and consequences for fish stocks and subsistence fishing. In: CLÜSENER-GODT, M.S., I. Brazilian Perspectives on Sustainable Development of the Amazon Region. 15. 1995. 175-204

BARTHEM, R.B. & SCHWASSMANN, H.O. Amazon river influence on the seasonal displacement of the salt wedge in the Tocantins river estuary, Brazil, 1983-1985.**Boletim do Museu Paraense. Emilio Goeldi- Zoologia**. Belém, 10, p.119-130, 1994.

BARTHEM, R.B.; GOULDING, M. Um ecossistema inesperado. A Amazônia revelada pela pesca, Mamirauá, 2007.241.p

BAYLEY, P.B. & PETRERE JR, M- Amazon Fisheries: Assessment Methods, Current Status, and Management Options. In: DODGE, D.P. **Proceedings of the International Large River Symposium**, p. 385-398, 1989.

BRAGA, C. F. 2001. 60p. A atividade pesqueira de larga escala nos portos de desembarque do estuário do rio Caeté, Bragança PA. Dissertação de Mestrado, Biologia Ambiental, Universidade federal do Pará, Belém, 2002.

BRASIL, Marília Carvalho. **Marajó: Em busca da Sobrevivência.** Obtido na internet no endereço: http://www.fundaj.gov.br/docs/text/texama.html em 20 de setembro de 2006.

BRITO, R.C.C.; SANTOS, D.A.B.; TORRES, M.A. S.F.; BRAGA, M.S. **A pesca empresarial no Pará**. Belém: IDESP, 1975: 72p.

CARDOSO, H. H. M. et al. **O setor pesqueiro no Estado do Pará.** Belém: SUDEPE, 1988. (Diagnóstico preliminar).

CERDEIRA, R.G.P., RUFFINO, M.L; ISAAC, V.J. Consumo de pescado e outros alimentos pela população ribeirinha do lago Grande de Monte Alegre, PA-Brasil. **Acta Amazonica**.27(3), 213-228, 1997.

CRUZ, F. J. F.; COSTA, R.M.Q.; MARQUES, J.A.A.; TORRES, M.A.S.F.; VIANA, E.M.S.; PAIXÃO, P.A.P. **Estudo sobre a pesca artesanal**. Belém: Banco da Amazônia, 1993. 73p.

DIEGUES, A.C. Povos e águas. tário de áreas úmidas brasileiras.2ª.ed.- SP.

NUPAUB-USP.2002. p597

DONOVAN, J. identificación de las oportunidades de mercado y mercadeo em cadenas de valor: uma guia para facilitadores del desarrollo empresarial rural. . 1ª ed. CATIE. Turrialba: Costa Rica, 2006.

ESPIRITO SANTO, R. V. Caracterização da atividade de desembarque da frota pesqueira artesanal de pequena escala na região estuarina do Rio Caeté, Município de Bragança-Pará-Brasil. 2002. 87p. Dissertação de mestrado, Universidade federal do Pará, 2002.

FAO, 2004. Food and Agriculture Organization of the Unit Nations. http://www.fao.org

FURTADO, L.G. "Reservas pesqueiras", uma alternativa de subsistência e de preservação ambiental: Reflexões a partir de uma proposta de pescadores do médio Amazonas. In: FURTADO, L.; MELLO, A.F.; LEITÃO, W. **Povos das Águas realidadee perspectiva na Amazônia**. Belém, MPEG/UFPA. 1993. 243-276

GTZ. **Manual Valuelinks**: metodologia de promoção da cadeia de valor. 1ª ed. GTZ, 2007.

IBAMA. Estatística da pesca 2007: grandes regiões e unidades da federação. Tamandaré, PE: IBAMA/CEPENE, 2007. 151p.

IBGE. **Censo demográfico 2000**. Disponível em: < http://www.sidra.ibge.gov.br>. Acesso em: 17 fev. 2010a. IBGE. **Banco de dados agregados**. Disponível em: < http://www.sidra.ibge.gov.br>. Acesso em: 17 fev. 2010b.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Agropecuário 2006. Disponível em: http://www.ibge.gov.br. Acesso em: 3 dez. 2010b. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades@. Disponível em: http://www.ibge.gov.br. Acesso em: 3 dez. 2010c.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Produção Agrícola Municipal**. Disponível em: http://www.ibge.gov.br. Acesso em: 3 dez. 2010a.

ISAAC, V.J. E BARTHEM, R.B. Os recursos pesqueiros na Amazônia brasileira. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Série Antropologia**. Belém,11, p.295-339, 1995.

JUNKIN, R.; ANGULO, J. Guía para el desarrollo de estrategias de financiamiento en cadenas de valor. Turrialba: catie; ruta, 2009.

LEITÃO, Wilma Marques. O pescador mesmo: um estudo sobre o pescador e as políticas de desenvolvimento da pesca no Brasil. *Dissertação de Mestrado*. UFPA/CFCH/ Departamento de Antropologia. Belém,1997.

LOURENÇO, C. F.; FÉLIX, F. N.; HENKEL, J. S.; MANESCHY, M. C. A pesca artesanal no Estado do Pará. Belém: SETEPS/SINE-PA, 2003. 154p.

MARQUES, P. V., AGUIAR, D. R. R.. Comercialização de produtos agrícolas. São Paulo: EDUSP. 1993.

MENEZES, L.C. F. **A Problemática Jurídica da Artesanato Pesqueiro**; SUDEP; Brasília; 1985. 31 p.

MONTEIRO, S. M. M.; CALDASSO, L. **Análise institucional da pesca artesanal no município de Rio Grande/RS.** Centro de Estudos em Economia e Meio Ambiente (CEEMA) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, 2004. 11 p.

NASCIMENTO, Maria Ivete Herculano do. Homens e peixes: o tempo da pesca artesanal. Dissertação de Mestrado. UFPb/Departamento de Antropologia. Junho/1995.

PENNER, M. A. S. A dialética da atividade pesqueira no nordeste amazônico. Belém: UFPA, 1984. 158p.

PENNER, M. E. SOARES. **A Dialética da Actividade Pesqueira no Nordeste Amazónico**; Universidade Federal do Pará; Belém; 1984; 1984.158 p.

PETRERE JÚNIOR, M. **Setor pesqueiro**: análise da situação atual e tendências do desenvolvimento da indústria da pesca. Manaus: IBAMA/PRÓVARZEA, 2004. 97p. (Relatório de Pesquisa)

QUARESMA, Helena Doris de Almeida Barbosa. O Desencanto da Princesapescadores tradicionais e turismo na área de proteção ambiental de Algodoal/Maiandeua. *Dissertação de Mestrado*. NAEA/UFPA/ Curso Internacional de Planejamento e Desenvolvimento. Belém, 2000.

REIS, A. J. Comercialização agrícola. Lavras: UFLA. 1998. 267p.

RIBEIRO, Adagenor Lobato. **Modelo de Indicadores para Mensuração do Desenvolvimento Sustentável na Amazônia**. Tese de Doutorado. Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Belém, 2002, 375p. contem anexos e apêndice. Disponível em: http://www.gpa21.org/br/pdf/Adagenor-TeseCompleta.pdf>.

ROBERTS, T.R., 1972 - Ecology of fishes in the Amazon and Congo basins. **Bulletin** of the Museum of Comparative Zoology, Harvard. 143: 117-147

SANTANA, A. C. de. Agronegócio, cadeia de valor e cadeia de suprimento. In: SANTANA, A. C. de. **Elementos de economia, agronegócio e desenvolvimento local.** Belém: GTZ; UFRA, 2005. p.83-114.

SANTANA, A. C. de. Diagnóstico dos APL de pesca de Bragança e Santarém no estado do Pará. Belém: SECTAM/FINEP, 2008. (Relatório de Pesquisa).

SANTANA, A. C. de; CARVALHO, D. F.; MENDES, F. A. T.; FILGUEIRAS, G. C.; BOTELHO, M. N.; KITABAYASHI, R. T. Identificação e caracterização de arranjos produtivos locais nos estados do Pará e do Amapá, no período 2000 a 2005: orientações para políticas de desenvolvimento local. Belém: UNAMA, 2010.

SANTOS, M. A. S. dos. A cadeia de valor da pesca artesanal no estado do Pará: estudo de caso no Nordeste Paraense. **Amazônia**, Belém, v. 1, n. 1, p. 61-81, 2005.

Schaan, Denise Pahl. *Iconografia Marajoara: Uma abordagem estrutural*. Disponível em: http://www.naya.org.ar/articulos/marajop.htm. Acesso em: 25 set. 2006.

SHRIMPTON, R. AND GIUGLIANO, R. Consumo de alimentos e alguns nutrientes em Manaus. Amazonas. **Acta Amazonica** .9 (1973-4), p.117-142, 1979.

ANEXO 1 – FORMULÁRIO

PROJETO VIVA MARAJÓ – INTITUTO PEABIRU

QUESTIONÁRIO PARA ANÁLISE DA CADEIA DE VALOR DA PESCA ARTESANAL NOS MUNICÍPIO DE SALVATERRA E SOURE - MARAJÓ

Entrevistador:				_ Data:
Nome		da		localidade:
Coordenadas	GPS:	: itude		latitude
BLOCO I - IDENTII Nome/Apelido		CADOR ARTESANAI	L E SUA FAMÍLIA	Idade:
Naturalidade:				
Divorciado(a)		Solteiro(a) ()		
Religião: () Católio Afro-religiosas) Adventista () Pronça () N		
Grau de instrução do	entrevistado			
() Sem alfabetizaçã	o ()A	Assina o nome () Fundamental inco	mpleto (C) (NC)
() Fundamental cor	npleto (C) (NC)	() Ensino médio in	ncompleto (C) (NC))
() Ensino médio co	mpleto (C) (NC) () Ensino superior comp	pleto () Ensino su	perior incompleto
Quantos filhos você t	em?	() H	() M	
Quantos pesoas mora	m atualmente em su	ıa residência?	(Preenche	er pg. 2)
Há	quanto	tempo	é	pescador?
Com quem você apre				
Além da Pesca, exerc Qual	e outra (s) atividade	e?(s)()S()N		(is)?
				(13):
Pesca todos os dias?	()S()N			
Quais as principais fo	ontes de renda do gr	upo familiar no Verão?	1	
() Produtos agrícol	as () Abacaxi ()	Farinha () Peixe () Mariscos () Ext	rativismo vegetal
() Aposentadoria () Seguro defeso () Outros benefícios do	Estado () Outros _	
Quais as principais fo	ontes de renda do gr	upo familiar no Inverno	o?	
() Produtos agríc Aposentadoria	olas () Farinha (() Peixe () Ma	ariscos () Extra	tivismo vegetal ()
() Seguro	defeso () Outros benef	ícios do Estado	() Outros

Faixa Etária	Quantidade	Estuda - Série	Trabalha com a pesca	Atividade que exerce na pesca
0 a 5 anos	M() F()	() Sim () Não	() Sim () Não	
6 a 11 anos	M() F()	() Sim () Não	() Sim () Não	
12 a 17 anos	M() F()	() Sim () Não	() Sim () Não	
18 a 23 anos	M() F()	() Sim () Não	() Sim () Não	
24 a 29 anos	M() F()	() Sim () Não	() Sim () Não	
30 a 35 anos	M() F()	() Sim () Não	() Sim () Não	
36 a 41 anos	M() F()	() Sim () Não	() Sim () Não	
42 a 47 anos	M() F()	() Sim () Não	() Sim () Não	
48 a 53 anos	M() F()	() Sim () Não	() Sim () Não	
54 a 59 anos	M() F()	() Sim () Não	() Sim () Não	
>= 60 anos	M() F()	() Sim () Não	() Sim () Não	

BLOCO II - INFRAESTRUTURA, HABITAÇÃO E SAÚDE
Tipo de construção: Paredes: ()Alvenaria ()Madeira ()Barro ()Mista ()Outros:
Cobertura: () Telha de barro () Brasilit () Palha () Cavaco () Outros: Piso: () Cimento () Barro () Chão ()Outros:
Disponibilidade de energia elétrica na propriedade: () Sim () Não
Disponibilidade de bens duráveis:
() Aparelho de som () Rádio () Televisão () Geladeira () Freezer () Fogão a gás () Fogão a lenha
() Máquina de costura () Bicicleta () Motocicleta () Carro () Antena Parabólica () Celular
() Bomba d'água () Motor barco () Outros:
Abastecimento de água: () rede pública () rio () poço () Outra:
Tratamento de água: () Filtrada () Fervida () Não faz nada () Outros:
Banheiro: () não possui () dentro de casa () fora de casa Esgoto: () Rede pública () Fossa () Rio/lago () Outros:
Tratamento do lixo () Queima () Enterra Quintal () Coleta pública () Outros
Há posto de saúde em sua comunidade? () Sim () Não
Há agente de saúde na comunidade? () Sim () Não
Se não, a comunidade recebe visita do agente de saúde? () sim () não
Quais as doenças mais freqüentes em sua família? (Citar quatro)
Em caso de doença em sua família, o que você faz?
() Procura Hospital () Procura posto de Saúde do local ou mais próximo () Recorre a Bezendeira/
curandeiro () Utiliza ervas medicinais/remédios caseiros () Utiliza remédios que derivam de animais
(banhas)
Qual o transporte usado pela sua família/comunidade? (1) Carro (2) Van/konbi (3) Bicicleta (4) Ônibus (5) Moto (6) Carroça (7) Moto-taxi (8) A pé
(9) Canoa (10) Barco (11) Rabeta (12) Cavalo (13) Búfalo (14) Outros
() Canoa (10) Bares (11) Rasea (12) Cavais (13) Barais (11) Saires
BLOCO III - QUESTÃO FUNDIÁRIA
Há quanto tempo mora na comunidade?
() Até 1 ano () 1 a 5 anos () 6 a 10 anos () 11 a 20 anos () + 20 anos Há quanto tempo mora nesta casa?
() Até 1 ano () 1 a 5 anos () 6 a 10 anos () 11 a 20 anos () + 20 anos
Situação do domicílio: () Própria () Alugada () Cedida () Tomando conta () Invasão
() Área da União (Reserva) () Outras
Por que escolheram esta área pra morar?
() Disponibilidade de terra () Fartura de caça () Fartura de Pesca () Porque os pais moravam na
área
() Fartura de produtos extrativistas () Outros
A terra está regularizada? () S () N
A terra está em nome de quem?
Existem conflitos relacionado à terra? () S () N
Estão sendo resolvidos? () S () N Como estão sendo resolvidos?
Como estao sendo resorvidos? BLOCO
IV - CULTURA
Qual o nome do padroeiro local?
Data da festa do Padroeiro (a)
Existem festas no município ligado a algum tipo de recurso natural? () S ()N
Alguma ligada ao pescado? () S ()N Qual?Há
restrições alimentares que envolvem algum peixe? () S () N
Se existem, essas restrições são para homens e mulheres? () S () N
BLOCO V – ATIVIDADE PESCA ARTESANAL
Embarcação própria? () S () N
Se não, de quem é?
Locals ac poseu

Finalidade do pes Quem é resposáv	scado () Consumo () V el pela venda?	enda			
principais espécies pescadas?					
Qua	nis os principais produtos q	ue sua família ve	ende/consome (sub	osistência)?	
Peixes p	ara venda		Peixes p	para consumo	
0 1	que você pescava e que ho	oje não pesca ma	is?() Não () S	im	
Qual (is) Você vai pescar:	() sozinho () acompanh	nado de n	essoas () Com al	guém da famíli	 a
	a entre peixes de primeira,				
Quando você sai	para pescar há lugares certo	os (específicos)	para a pesca? ()	Não () Sim	
Como você escol	he os lugares que vai pesca	r ?	· -		
E o tamanho dos Explique	peixes capturados? () Au	mentou () O r	nesmo () Dimini	11	
BLOCO VI - CO					
Há algum benefic Qual?	ciamento do pescado para v	enda? () S () N		
Quar. Onde você vende	o produto?				
Qual o transporte	usado para a comercializa				
	Van/konbi () Bicicleta () Önibus () M	Ioto () Carroça () Moto-taxi (() A pé ()
Canoa ()Barco () Rab	peta () Cavalo, jegue mula	bufalo () Outr	os		
	sporte é de	uso	individual	ou co	mpatilhado?
Qual é o custo do		-			1' (10
Qual a	frequência em	que este	transporte	está	disponível?
Quem compra se					
() Associação	() Cooperativa () A	travessador ()	Vende dretament	e na feira-livre	() Outros:
	ai seu produto?()S ()	N			
Sabe para onde v Se	sim,	vai	pra	ı	onde?
Existe dificuldad Quais?	e para vender os produtos?	()S ()N			
Quais?					Voce
aponta alguma so	olução para este problema?				
Como você vende	e os seus produtos?				<u> </u>
Produtos	Unidades de medida utilizadas	Equivalente en	n Kg Preço/unio	lade de medida	
			Safra	Entress	afra

Qual a forma () Em dinhe () O pagam (eiro, na ent ento já est				orias () Em dir	nheiro, par	celado) Outra
Quem recebe	e?						
Qual	a	re	nda	da	sua		família?
Como cada r Esposa	nembro da	ı família contribui —————	para essa rei	nda?			Filhos
A família ob	tém renda) Bolsa	complementar às Escola/Família) Aposentadoria leguro defeso	() Per	nsão) Outra
Qual	O	no. de	e ma	lhadeira	que	você	utiliza?
Além	da	malhad	leira,	qual	outro		instrumento?
Onde		compra			a		malheira?
Recurso próp Se	prio? () S não,	S () N de	que	m	é	0	recurso?
Você criou c	ou adantou	algum equipamer	nto de pesca?	()S ()N		
Qual	0	tamanho	da	embarcação	o que	você	usa?
Qual		0	material		da		embarcação?
Quando você	ê não pesc	a, qual alimento si	ubstitui o pes	cado na sua	alimentação e na	a venda?	
Quais as difi	culdades e	encontradas na ativ	vidade?				
Quais as difi	culdades e	ncontradas para a	venda?				
Na localidad Como vocês		conflitos relacion	ados à pesca	? () S () N		
BLOCO VII	- ASSOC	IATIVISMO, ASS	SISTÊNCIA	TÉCNICA I	E CRÉDITO		
Você tem ac	esso a algu	ım financiamento	?()S()	N			
Existem asso	ociações na	a comunidade/mui	nicípio?()	S ()N			
Qual			0				nome?
Em sua opin	ião, quais	as associações ma	is atuantes?	Por quê?			-
Quais as asso	ociações q	ue não atuam? Po	r quê?				
Você particip	pa de algu	ma organização so	ocial?() S	() N			
Caso afirma esporadicam		a freqüência de	participação	em reuniõe	es? () mens	sal ()	anual ()

Você recebe assistência técnica? () Sim () Não
De quem?
Em caso afirmativo qual frequência da assistência técnica:
() Quinzenal () Mensal () esporadicamente () Outro:
Você já participou de algum curso de qualificação técnica? () Sim () Não
Você já participou de algum curso de qualificação gerencial/organizacional? () Sim () Não
Em que áreas você e sua família gostariam de receber treinamento? (citar duas)
Teve acesso a financiamento bancário nos últimos cinco anos? () Sim () Não
Na sua opinião quais as duas principais dificuldades de acesso ao crédito?
() Falta de documentação () Prazos de pagamentos curtos
() Encargos financeiros elevados () Restrição cadastral
() Falta de informação () Outras:
Você tem conhecimento de áreas de proteção ambiental no município? () S () N Qual o nome?
O que ocorreu de positivo e negativo após a implementação da reserva?
Está ocorrendo a fiscalização nessas áreas? () S () N O acesso aos peixes aumentou ou diminuiu? Por quê? Os moradores do município/comunidade acham bom ou ruim a instalação das reservas na Região?

ANEXO 2 — Quadro com associações de Soure e Salvaterra

NOME	REPRESENTANTE	COMUNIDADE/	CONTATO
		MUNICÍPIO	
Associação das Mulheres da Pesca de Pesqueiro	Petronila	Soure	82875579
(ASMUPESCA)			
Associação de Moradores do Povoado do Céu	Francisco Neves	Soure	81388085
(AMPOC)			
Associação dos Camaroeiros	Celso Aragão	Soure	
Associação dos caranguejeiros de Soure (ACS)	Raimundo Leal (Fico)	Soure	81857620
Associação dos Moradores da Resex Marinha de	Patricia Ribeiro	Soure	82616834
Soure (ASSUREMAS)			
Associação dos Pescadores artesanais do Rio	Ademor Macedo	Soure	87425696
Parauacari – Soure e Salvaterra			
Associação Quilombola de Salvaterra	Aurino	Salvaterra	9138221
Associação Zumbi	Alessandra	Salvaterra	91589427/91427283/918
			47465
Capatazia da Colônia dos Pescadores de Salvaterra	Hilário e José Maria da	Salvaterra	91125087

	Conceição Amador		
Colônia de Pesca Z1	Valdeci	Soure	3765-3741
Colônia de Pesca Z2	Célio Paraense	Salvaterra	9193662/88300719
Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS)	Valdemil Medeiros	Soure	37411986/81061350
COOMPEPA - Cooperativa Mista dos Pescadores e	Aladim de Alfaia Gomes	Outeiro/Belém	3285-4249 / 81853196 /
Pescadoras Artesanais do Pará.			81428037 / 96111940.
MOPEPA - Movimento dos Pescadores do Pará	Tomaz Maria	Outeiro/Belém	(91) 9119-8156/9611-
			1940
S.O.S. Marajó	Marilene Lima	Soure	83090836